



A CRUZ DE JERUSALÉM

2025-2026

ANNALES ORDINIS EQUESTRIS SANCTI SEPULCRI HIEROSOLYMITANI



**«A Igreja confia-vos novamente o dever de
serdes os guardiões do Sepulcro de Cristo».**

(Leão XIV aos peregrinos da Ordem, 23 de Outubro de 2025)

Obrigado Papa Francisco

17 Dezembro 1936 — 21 Abril 2025



FRANCISCUS



Recapitulando

«**R**ecapitular» é um verbo que indica o fim de um capítulo e o momento em que se recordam os seus pontos essenciais. Tal é necessário para se ter uma ideia clara do que foi dito ou, no nosso caso, também do que foi feito. Contudo, recapitular um ano denso, rico em acontecimentos e de grande vitalidade pode dar a impressão de que se esquecem os aspectos menos relevantes. Recordemos, porém, desde já, que a vida da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, que Papa Pio IX reconstituiu em 1847 de forma estável e organizada, atingiu o seu 178.º ano de existência, mantendo sempre no coração a missão que aquele Pontífice lhe confiou: apoiar a Terra Santa através do Patriarcado Latino de Jerusalém reconstituído, então confiado ao Patriarca Giuseppe Valerga (1847-1872).

O ano de 2025 estruturou-se em torno do Ano Santo, com o Jubileu de toda a Igreja, que não será facilmente esquecido, também graças à forte participação de Damas e Cavaleiros e às imagens mais marcantes, como as vistas panorâmicas da nave central da Basílica de São Pedro e o encontro com o Papa Leão XIV na Sala Paulo VI. Além disso, o ano ficou igualmente assinalado para a Ordem por dois acontecimentos particularmente comoventes, que permaneceram no coração e na oração de todos os Cavaleiros e Damas: o falecimento do Papa Francisco e a eleição de Leão XIV.

Ninguém esquecerá também os acontecimentos dramáticos que mergulharam na solidão a Terra de Jesus, privada dos seus peregrinos devido às violências inaceitáveis em Gaza e em Israel. As peregrinações esporádicas de corajosos membros da Ordem mostraram que não aceitamos nem a lógica da violência nem a condição de isolamento em que se encontrou a Terra de Jesus.

Mas a esperança, sustentada pela oração, nunca esmoreceu, nem o cansaço perante a violência. Precisamente por isso, a Ordem do Santo Sepulcro reagiu com ainda maior generosidade, multiplicando obras e gestos de caridade, ao mesmo tempo que dava vida a projectos que representam um futuro de crescimento, como a criação do *Espaço dos Amigos da Ordem e da Fundação da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém – Organismo do Terceiro Sector*, com o objectivo, de acordo com os nossos Estatutos, de «chamar a atenção dos católicos, dos outros cristãos, das pessoas pertencentes a outras religiões e dos homens de boa vontade de todo o mundo para as obras de bem em que a Ordem está empenhada na Terra Santa» (Art. 4, 7).

Estas duas iniciativas foram complementadas por outros dois projectos: a criação do *Comité Histórico* para o estudo da vida da Ordem e o *Compêndio para os eclesiásticos*, a fim de, através deste último, melhor conhecer e integrar os membros do clero no seio da Ordem.

Aspectos que cada leitor poderá descobrir também ao folhear estas páginas.

Gostaria ainda de sublinhar a importância da vida espiritual de cada um; um aspecto que sempre encorajei na vida dos Cavaleiros e das Damas, consciente de que não há missão (o apoio à Terra Santa) sem motivação interior, pois a Ordem não é uma Ordem de cavalaria ligada simplesmente a instituições humanas (governamentais ou sociais), mas ao mistério da Redenção de Cristo: a sua santíssima Paixão, Morte e Ressurreição.



Retrato do Grão-Mestre realizado pela artista Maria Teresita Ferrari Donadei segundo a técnica de pintura tipicamente medieval, a têmpera a ovo. Nesta obra, quis mostrar a ligação espiritual profunda que o cardeal Fernando Filoni mantém tanto com a Ordem como com a Terra Santa.

Foi precisamente para sustentar o caminho espiritual dos nossos membros que nasceu a colectânea de meditações *Os meus dias estão nas Tuas mãos – homens e mulheres nas pegadas de Jesus* (Nota do editor: disponível em italiano – *I miei giorni sono nelle tue mani – uomini e donne sulle Orme di Gesù* –, Edições San Paolo, 2025). Neste contexto compreende-se o sentido da canonização do primeiro Cavaleiro Grã-Cruz, São Bartolo Longo, e da próxima beatificação do Cavaleiro argentino Enrique Ernesto Shaw. Mas quantos outros Cavaleiros e Damas, conhecidos apenas pelo Senhor, seguem silenciosamente as pegadas de Jesus, atraídos pelo amor à Terra Santa!

Fiquei impressionado este ano com as numerosas investidas em que tive a alegria de participar. Homens e mulheres, jovens e menos jovens, que sentem que dão o seu contributo à Terra Santa e que dela recebem, ao mesmo tempo, um grande enriquecimento espiritual.

É isto que entendo quando falo da nossa Ordem em caminho; falei disso com Leão XIV na Audiência Pontifícia de 24 de junho de 2025.

O Papa confirmou o seu encorajamento no memorável discurso de 23 de outubro de 2025, diante de mais de 3600 Cavaleiros e Damas na Sala Paulo VI, onde pronunciou estas fortes palavras: “A Igreja volta a confiar-vos a missão de serdes guardiões do Sepulcro de Cristo. Sede-o assim, na confiança da espera, no zelo da caridade, no impulso jubiloso da esperança. Como dizia Santo Agostinho aos cristãos do seu tempo: “Progride no bem [...]. Caminha, sem te desviares, sem recuar, sem estagnar!” (Sermão 256,3). Abençoo-vos de todo o coração e rezo por todos vós. Obrigado.”

Agora que o Ano Santo de 2025 terminou, a Ordem retoma o seu caminho rumo ao Ano Jubilar da Redenção, que terá lugar em 2033. Preparemo-nos desde já com as nossas peregrinações à Terra Santa e na fidelidade à nossa Instituição.

Fernando Cardeal Filoni

SUMÁRIO

A ORDEM EM UNÍSSONO COM A IGREJA UNIVERSAL

- | | |
|----|--|
| 5 | O declínio da presença cristã no Oriente |
| 9 | Nostra aetate e a Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém |
| 11 | As relações entre judeus e católicos
<i>A origem de Nostra aetate de 1965 até hoje</i> |
| 12 | As relações entre muçulmanos e católicos
<i>Nostra aetate, n.º 3: um caminho de fraternidade no diálogo</i> |
| 14 | Os 1700 anos do Concílio de Niceia
<i>Entrevista com D. Flavio Pace, Secretário do Dicastério para a Unidade dos cristãos</i> |
| 17 | A canonização de Bartolo Longo |

OS ACTOS DO GRÃO-MAGISTÉRIO

- | | |
|----|---|
| 21 | A primeira audiência do novo Papa ao Grão-Mestre |
| 22 | O jubileu de mais de 3 600 Cavaleiros e Damas do mundo inteiro |
| 26 | Viver a missão em conjunto: o percurso de uma família com a Ordem |
| 27 | A peregrinação dos jovens |
| 28 | Novas bases para o futuro da Ordem
<i>O Regulamento Geral da Ordem</i>
<i>Um comité histórico da Ordem</i>
<i>Um compêndio para os eclesiásticos da Ordem</i>
<i>A nova Fundação da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém</i>
<i>Os Amigos da Ordem</i> |
| 30 | Oito anos ao serviço da Ordem: um caminho de diálogo e inovação |

34

A acção da Ordem reforça-se face à situação trágica dos cristãos na Terra Santa

37

A reunião dos Lugar-Tenentes norte-americanos

38

Visita do Governador-Geral na região Ásia-Pacífico

A ORDEM E A TERRA SANTA

41

Comissão para a Terra Santa: relatório e reflexão

43

«A Terra Santa não é apenas um lugar a apoiar, nem um problema a resolver: é uma fonte»

Entrevista com o cardeal Pierbattista Pizzaballa

48

A solidariedade concreta da Ordem para com os fiéis católicos da Terra Santa

59

A construção da igreja do Baptismo de Jesus suportada por um Cavaleiro jordano da Ordem

A VIDA DAS LUGAR-TENÊNCIAS

61

Mudanças nas Lugar-tenências da Ordem

63

Ao serviço da Terra Santa desde a Ásia: a Lugar-tenência da Ordem para as Filipinas

64

África do Sul: de Delegação Magistral a Lugar-tenência

66

A Eslováquia torna-se oficialmente uma Delegação Magistral da Ordem

67

O Santo Sepulcro, lugar de força e fonte de energia

PALAVRA DO CHANCELER

encorajamentos reavivaram o entusiasmo dos Cavaleiros e Damas para continuarem a servir, com perseverança e discrição, a Igreja Mãe de Jerusalém. Revisitamos igualmente, nestas páginas, a nossa peregrinação jubilar, bem como as grandes evoluções da Ordem, em plena expansão em vários continentes. Naturalmente, é também apresentado em detalhe o conjunto dos projectos apoiados pela Ordem na Terra Santa, pois esse apoio ao Patriarcado Latino de Jerusalém é o coração da nossa missão. Desejamos-vos uma boa leitura, pedindo-vos que utilizeis esta revista para dar a conhecer cada vez melhor, junto de vós, a nossa instituição pontifícia.

Nesta edição anual da nossa publicação *A Cruz de Jerusalém*, a Ordem do Santo Sepulcro relata o seu encontro histórico com o Papa Leão XIV, cujos

Alfredo Bastianelli

Bem-vindo Papa Leão XIV

8 Maio 2025



O declínio da presença cristã no Oriente

O Governador-Geral da Ordem, Leonardo Visconti di Modrone, escreveu este artigo sobre o declínio da presença cristã no Próximo Oriente, que pode parecer inexorável. Analisa as causas e as consequências desta dolorosa realidade histórica nos diferentes países e compara-as com aquelas que são mais próprias da Terra Santa (L'Osservatore Romano, 4.9.2025)



Se observarmos a história do último século de toda a região do Levante, constatamos que o declínio da presença cristã começou com a decadência do Império Otomano e o genocídio armênio durante a Primeira Guerra Mundial, que envolveu todos os cristãos, em nome de uma identidade nacional e religiosa promovida pelos «Jovens Turcos». A nova Turquia, nascida da derrota na Primeira Guerra Mundial, gerou a crise do sistema de coexistência interétnica e religiosa que prevalecera no Império Otomano.

Após a Primeira Guerra Mundial, as potências vencedoras, principalmente o Reino Unido e a França, dividiram entre si os territórios árabes do Império Otomano através do

«sistema de mandatos» da Sociedade das Nações, criando Estados como o Iraque, a Transjordânia (mais tarde Jordânia), a Palestina (sob mandato britânico), a Síria e o Líbano (sob mandato francês). Estas novas entidades estatais, cujas fronteiras foram muitas vezes traçadas artificialmente, nem sempre reflectiam as realidades étnico-religiosas locais, semeando as bases de conflitos futuros. A queda do Império Otomano não foi, portanto, apenas o fim de uma entidade política, mas um ponto de viragem decisivo que redesenhou o mapa e a história do Próximo Oriente, dando origem a desafios e conflitos que perduram até hoje.

A hemorragia contínua dos

Leão XIV a rezar pelos cristãos do Oriente diante do túmulo de São Charbel Makhlouf, no Líbano.

cristãos do Levante conheceu picos de aceleração durante a guerra civil do Líbano, com a dissolução do regime de Saddam Hussein, depois com a emergência do Estado Islâmico e, por fim, com a queda do regime de Bachar al-Assad na Síria; na Terra Santa, ela deve-se em grande parte às consequências do conflito israelo-palestino.

As causas deste fenómeno devem, portanto, ser geralmente procuradas nas guerras, nas perseguições e nas discriminações, bem como no sentimento crescente de instabilidade decorrente da queda de regimes

que, na realidade, protegiam o *statu quo* para os cristãos. Estes acontecimentos destruíram um sistema de coexistência civil entre diferentes confissões religiosas que perdurava há séculos. À violência, às perseguições e aos conflitos juntam-se razões socioeconómicas e a esperança de muitos cristãos poderem beneficiar de melhores condições de vida nos países de acolhimento ocidentais.

Por que é este fenómeno preocupante? Para um cristão, a resposta é evidente: é a terra onde a nossa fé nasceu. Mas para os outros? Para os outros, incluindo os muçulmanos moderados, a partida dos cristãos deveria ser vivida com inquietação, pois numa sociedade complexa como a do Próximo Oriente os cristãos, de diferentes confissões e ritos, são tradicionalmente atores do diálogo e da moderação e o fundamento de uma coexistência que nem sempre é fácil de alcançar.

Contudo, em cada país, este fenómeno apresenta elementos comuns e matizes diferentes.

LÍBANO

A diminuição da presença cristã no Líbano é um fenómeno complexo e multifactorial, cujas causas radicam na história recente e na dinâmica sociopolítica do país. As vagas migratórias começaram já no século XIX e intensificaram-se no século XX com o fim do mandato francês, mas atingiram o seu auge com a guerra civil libanesa (1975-1990), que provocou uma profunda fractura no seio da comunidade cristã. As violências, as destruições e a incerteza quanto ao fu-

Nossa Senhora do Líbano, em Harissa, vela por todos os cristãos do Médio Oriente.



turo levaram dezenas de milhares de cristãos a procurar refúgio no estrangeiro.

A isto juntam-se as crises económicas recorrentes, a corrupção e as tensões decorrentes do crescimento do islamismo radical. Os cristãos do Líbano registaram também, historicamente, uma taxa de natalidade inferior à da população muçulmana, especialmente xiita. Tal, combinado com a emigração, alterou progressivamente o equilíbrio demográfico que, no passado, colocava os cristãos em maioria numérica ou em paridade com as outras comunidades.

Isto teve consequências políticas. A Constituição libanesa, que atribui a presidência a um cristão maronita, foi concebida numa época em que os cristãos representavam a maioria. A mudança demográfica tornou esta disposição cada vez mais difícil de sustentar do ponto de vista político, alimentando tensões.

O envolvimento do Líbano em conflitos regionais, como o conflito israelo-palestiniano e a guerra civil síria, teve um impacto directo na segurança e na

estabilidade do país, com consequências devastadoras para a comunidade cristã, que se sentiu cada vez mais isolada e ameaçada. Durante a guerra civil, as rivalidades entre as diferentes facções cristãs enfraqueceram a sua coesão e influência política, tornando a comunidade menos capaz de agir como bloco unido perante os desafios externos. Tal teve um impacto profundo na sua identidade e na estabilidade política do país, assente num equilíbrio entre as diversas confissões religiosas.

IRAQUE

O conflito no Iraque e a queda de Saddam Hussein tiveram um impacto devastador na população cristã. O regime de Saddam Hussein, embora não democrático, mantinha um certo grau de estabilidade que garantia uma «protecção» às minorias religiosas, incluindo os cristãos. Com a queda do regime, a situação agravou-se consideravelmente, com uma progressiva marginalização e perseguição dos cristãos.

Daí resultou um êxodo em massa: estima-se que, antes de 2003, os cristãos fossem mais

de um milhão e meio. Nos anos seguintes, o seu número desceu para algumas centenas de milhares, com o risco concreto de desaparecimento total. Tornaram-se alvo fácil de grupos extremistas e milícias sectárias, responsáveis por atentados contra igrejas, raptos e homicídios. A chegada do autodenominado Estado Islâmico agravou ainda mais a situação, provocando um êxodo em massa da planície de Nínive, coração da presença cristã no Iraque.

O vazio de poder permitiu a ascensão de forças extremistas e desestabilizou o frágil equilíbrio interétnico e inter-religioso do país, transformando a população cristã numa minoria perseguida e em grande parte desenraizada.

SÍRIA

Também na Síria, o fim do regime de Bashar al-Assad, que de certa forma protegia os cristãos, teve um efeito complexo sobre a população cristã, atualmente confrontada com um futuro incerto. Apesar das promessas dos novos dirigentes governamentais, registaram-se numerosos episódios de violência sectária, agressões e discriminações de carácter religioso, levando um número crescente de cristãos a abandonar o país.

A população cristã, que antes do conflito rondava os dois milhões de pessoas, diminuiu significativamente. A incerteza não extinguiu por completo um certo optimismo prudente e, em algumas cidades, como Aleppo, observam-se sinais de lenta recuperação. Os cristãos distinguem-se pelo seu empenho em

promover o diálogo entre as diferentes facções, reabrindo igrejas, escolas e hospitais.

JORDÂNIA

Embora o país seja considerado um dos mais tolerantes da região em relação aos cristãos — que na Jordânia gozam de uma certa liberdade religiosa e de uma posição relativamente privilegiada no tecido social e económico — a sua percentagem em relação à população total diminuiu consideravelmente ao longo do tempo.

Nos anos 1950, os cristãos representavam cerca de 30% da população. Actualmente, as estimativas variam entre 2,8% e 6%. Este declínio deve-se principalmente a uma forte imigração muçulmana, que reduziu a percentagem de cristãos, mas também a intensas vagas de emigração e a formas isoladas, mas frequentes, de discriminação, sobretudo em relação a cristãos convertidos do islão ou em casos de casamentos mistos, frequentemente ligados ao sistema tribal do país.

Comparativamente com outros países do Médio Oriente, a Jordânia apresenta uma situação mais favorável para os cristãos, mas o seu número está em acentuado declínio.

PALESTINA

Por fim, no que diz respeito à Palestina, o declínio da presença cristã resulta de uma multiplicidade de causas, sendo a principal a situação de conflito, violência e instabilidade política. Às vítimas directas do conflito em Gaza — causadas pela violência armada, pela

fome ou pela doença — somam-se as tensões e arbitrariedades constantes na Cisjordânia, que criaram um clima de insegurança tal que muitos cristãos, quando possível, optaram por emigrar em busca de melhores condições de vida.

Os ataques e violências perpetrados contra eles por grupos extremistas intensificaram-se à medida que o conflito se agravou. A ocupação de territórios, as expropriações por colonos e as restrições à liberdade de circulação impostas pelas autoridades israelitas (como a construção do muro de separação) tornaram a vida quotidiana extremamente difícil para os cristãos palestinianos, limitando o acesso ao trabalho, à educação e até às suas próprias famílias.

As demolições de casas palestinianas e a destruição de sistemas hídricos de aldeias inteiras inserem-se num plano claro de afastamento dos palestinianos do território, criando espaço para a implantação de colonatos israelitas. A prática da autodemolição de habitações, imposta pelos colonos, acrescenta um trauma psicológico à perda material da casa e ao desenraizamento, pois famílias inteiras são forçadas a demolir as próprias casas para evitar multas ou detenções.

A tolerância do sistema judicial israelita face a actos comprovados de violência cometidos por colonos contra a população palestiniana, bem como a ausência de perspectivas que visem pôr termo a esta situação, geraram um profundo mal-estar, sobretudo entre os jovens cristãos, que se sentem cada vez mais «indesejados» na



terra dos seus antepassados e procuram oportunidades noutros lugares. A guerra psicológica faz parte integrante desta estratégia destinada a libertar espaço para os colonatos e tem provocado um aumento significativo de internamentos hospitalares por motivos de violência psicológica.

À violência em Gaza e à expansão dos colonos na Cisjordânia junta-se um factor não negligenciável de crise económica para grande parte da população cristã de Belém e Jerusalém, dependente das actividades de acolhimento ligadas às peregrinações. A guerra, que se seguiu à crise pandémica, acentuou o colapso dramático da presença de peregrinos, deixando milhares de pessoas sem qualquer fonte de rendimento. Muitos vistos de trabalho para palestinianos foram revogados pelas autoridades israelitas, e numerosos trabalhadores cristãos palestinianos foram substituídos por imigrantes de outras regiões do mundo.

Tudo isto é agravado por ataques directos à liberdade de

Peregrinos na Terra Santa em oração diante de um ícone da Virgem pintado no Muro de separação, estrutura de mais de 700 km composta por muros de betão e cercas, que segue principalmente a linha verde de 1949 delimitando os territórios palestinianos na Cisjordânia.

culto, actos de violência e discriminação contra pessoas, bem como profanações de igrejas, símbolos religiosos e cemitérios por extremistas, pertencentes, em particular, ao judaísmo ultraortodoxo, o que contribuiu para criar uma ameaça constante para os cristãos.

De modo geral, pode afirmar-se que, com o declínio da presença cristã, o Médio Oriente arrisca ver aumentar a sua instabilidade, tanto mais que nenhum Estado pode considerar-se isolado, vivendo todos numa realidade estreitamente interligada.

A Terra de Jesus, em particular, onde nasceu a nossa fé, tem um motivo adicional para temer este fenómeno e procurar detê-lo. A ausência de presença cristã arriscaria reduzir os lugares da pregação e da Paixão de

Nosso Senhor a meros sítios arqueológicos ou turísticos. Mais amplamente, o seu isolamento e marginalização, por parte do fundamentalismo religioso — islâmico e judaico — privariam toda a região de uma fonte de equilíbrio social e, em última análise, político.

A comunidade cristã considera, portanto, a Ordem do Santo Sepulcro como um apoio indispensável. É necessário responder de forma responsável a este perigo, no quadro da missão que nos foi confiada pelo Santo Padre: apoiar a presença cristã na Terra Santa. Devemos tomar consciência deste fenómeno e estudar meios eficazes para o combater.

Neste contexto, o apelo lançado pelo Patriarca Latino de Jerusalém e Grão-Prior da Ordem, o Cardeal Pierbattista Pizzaballa, no sentido de tudo fazer para formar as novas gerações e lhes oferecer oportunidades de trabalho dignas, revela-se mais do que justificado: só com este apoio, juntamente com a nossa oração, esta minoria de fiéis, pequena mas essencial, poderá adquirir a força e a autoestima necessárias para compreender o significado da sua presença, enquanto cristãos, nestes Lugares Santos.

Isto implica um compromisso cada vez mais forte da parte da Ordem do Santo Sepulcro ao lado do Patriarca, no seu papel de formação, educação e assistência social, revendo, se necessário, as formas de apoio humanitário e de gestão de emergências.

Leonardo Visconti di Modrone
Governador-Geral

Nostra aetate e a Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém

A 28 de outubro de 2025 celebrou-se o 60.º aniversário da Declaração conciliar Nostra aetate sobre as relações da Igreja católica com as religiões não cristãs, um texto fundador das relações inter-religiosas contemporâneas que continua ainda hoje a ser um ponto de referência sobre o qual refletir, sobretudo em contextos como o da Terra Santa, onde as relações com outras tradições e fiéis não cristãos estão na ordem do dia e exigem um maior conhecimento recíproco e a uma colaboração com vista a uma melhor coexistência.

Estatutariamente, a Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém tem, entre outras finalidades, «o exercício da solidariedade em favor das populações da Terra Santa», a promoção da justiça e da paz, incluindo «o reconhecimento e o respeito da dignidade e dos direitos humanos das pessoas, [e] em particular a li-

berdade de religião e de culto»; os mesmos Estatutos recordam que a Ordem deve igualmente «favorecer a compreensão recíproca entre os povos, o diálogo, o perdão, a reconciliação e outros valores fundamentais que

*Um encontro com o Papa no Coliseu, em Outubro de 2025, marcou o 60.º aniversário da *Nostra aetate*.*

são os pressupostos necessários para a convivência pacífica de todos os povos da Terra Santa' (Estatutos, art. 4.º, n.os 2, 3, 5).

Este preâmbulo recorda a importância de um documento conciliar cujo 60.º aniversário da promulgação se tem celebrado em 2025: *Nostra aetate* (No nosso tempo). Duas palavras latinas que, enquanto título,





identificam a histórica Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs (28 de outubro de 1965). Este documento não é longo e compõe-se de apenas cinco pontos que fornecem os elementos para orientar as relações da Igreja com os fiéis de outras religiões.

Sendo a Ordem uma Instituição da Igreja, chamo aqui a atenção dos Cavaleiros e das Damas do Santo Sepulcro para os pontos 3 (sobre a visão da Igreja acerca da religião muçulmana), 4 (sobre a religião judaica) e 5 (sobre a fraternidade universal). O Concílio afirma que «a Igreja olha [...] com estima para os muçulmanos, que adoram o Deus único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, Criador do céu e da terra, que falou aos homens». Ao mesmo tempo, exorta a esquecer o passado e a demonstrar compreensão mútua, desejando a colaboração na

Quadro representando o diálogo inter-religioso, colocado à entrada do Dicastério para o Diálogo Inter-religioso no Vaticano: *Followers of God*, Dolores Puthod, 1978.

promoção da justiça social, dos valores morais, da paz e da liberdade.

A visão que o Concílio apresenta sobre o judaísmo é também extraordinariamente nova. O Documento declara que a Igreja reconhece e partilha com os judeus a mesma fé no mistério da salvação divina, manifestado na história dos Patriarcas, de Moisés e dos Profetas; era, de facto, também a fé de Jesus. Uma fé, cristã, que se alimenta assim da raiz da oliveira brava enxertada e crê que Cristo reconciliou e unificou Judeus e Gentios pela sua morte na cruz, para que a eleição do povo judeu seja, ao mesmo tempo, partilhada pelos novos povos que acolhem a fé em Jesus de Naza-

ré. Partilhando, portanto, com os judeus um imenso património espiritual, a Igreja considera que eles continuam a ser um povo «muito amado por Deus»: uma eleição, consequentemente, nunca revogada nem rejeitada por Ele. Condenando, pois, toda a forma de perseguição e discriminação passada e presente, a Igreja pede a todos os seus filhos uma nova maneira de dialogar, sem, contudo, faltar ao dever de anunciar a cruz de Cristo Redentor, sinal do amor universal de Deus por todos e fonte de toda a graça.

E para ser fiel a esta visão, a Ordem apoia a educação na Terra Santa nas escolas do Patriarcado Latino, abertas a alunos cristãos e não cristãos, bem como as obras sociais nas quais nenhum beneficiário é discriminado. *Nostra aetate* é, portanto, um documento que devemos conhecer e guardar no coração para compreender bem a missão que nos foi confiada pelos Pontífices e que o Papa Leão XIV nos recordou recentemente: “Penso [...] na ajuda considerável que prestais, sem ruído nem publicidade, às comunidades da Terra Santa, apoiando o Patriarcado Latino de Jerusalém nas suas diversas actividades: o Seminário, as escolas, as obras caritativas e de socorro, os projectos humanitários e educativos» (Discurso aos participantes no Jubileu da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, 23 de outubro de 2025). É este o caminho rumo à fraternidade universal que a Ordem deseja e promove.

Fernando Cardeal Filoni

As relações entre judeus e católicos

A origem de Nostra aetate de 1965 até hoje

Era junho de 1960 e teve lugar no Vaticano um encontro pessoal e histórico: o do Papa João XXIII com Jules Isaac, grande especialista em história hebraica que trabalhara intensamente sobre as relações entre o cristianismo e o judaísmo. Jules Isaac perdera tragicamente a família em Auschwitz e, com uma força e clareza intelectual impressionantes, decidiu, após a guerra, consagrar a sua vida a dar a conhecer Jesus aos judeus e Israel aos cristãos. Foi graças a uma mulher, Maria Vingiani, fundadora do Secretariado para as Actividades Ecuménicas, que este encontro entre dois homens que quisessem e souberam escutar-se teve lugar e mudou efetivamente a história das relações entre judeus e católicos. Jules Isaac entregou ao Papa páginas que serviram de base ao actual ponto 4 da Declaração conciliar *Nostra aetate*.

Houve quatro versões do documento que hoje conhecemos como *Nostra aetate* e que, na sua origem, foram concebidas exclusivamente para tratar das relações com o mundo judaico. O Cardeal Augustin Bea, jesuíta alemão, amigo do Grão-Rabino de Roma e presidente do recém-criado Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos, foi encarregado de coordenar este texto que, nas suas versões sucessivas — tendo em conta as reacções dos

padres conciliares — integrou elementos que alargavam a reflexão de modo mais geral às religiões não cristãs, conservando, como o próprio texto mostra, uma atenção particular às relações com o judaísmo (o parágrafo mais extenso da Declaração).

Para os Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro, que dedicam particular atenção à Terra de Jesus e às comunidades, pedras vivas, que a habitam, este texto reveste-se de importância capital. Deve ser

lido como um novo ponto de partida nas relações inter-religiosas, em particular com o mundo judaico, chamadas a ser marcadas por um melhor conhecimento mútuo, um respeito mais profundo e uma maior atenção ao outro. Condenando explicitamente o antissemitismo, cujas consequências eram tristemente visíveis para todos após os horrores da Shoah, *Nostra aetate* quis evidenciar o vínculo estreito com os judeus que «não devem, por isso, ser apresentados como rejeitados por Deus» (*Nostra aetate*, n.º 4) e convidou a orientar a catequese e a pastoral nesse sentido.

Leão XIV a saudar um rabino durante uma audiência.



Desde então, registaram-se vários outros progressos no diálogo com o mundo judaico cuja religião, como declarou João Paulo II na sua célebre visita à sinagoga em 1986, «não nos é “extrínseca”, mas, de certo modo, [...] é “intrínseca” à nossa religião”. De Paulo VI a Francisco — e já Leão XIV fez referência a Jerusalém 2033 — todos os Papas realizaram uma peregrinação à Terra Santa. Não podemos esquecer, em particular, as imagens que deram a volta ao mundo, muito para além dos círculos cristãos, de um João Paulo II idoso diante dos vestígios do Muro Ocidental do Templo de Jerusalém (conhecido como Muro das Lamentações), enquanto deposita-

va a sua oração, segundo a tradição judaica, entre duas pedras. Essa oração de perdão ressoa ainda com grande força:

*Deus de nossos pais,
Tu escolheste Abraão e a sua
descendência
para que o teu Nome fosse levado
às nações:*

*estamos profundamente
entristecidos
pelo comportamento daqueles que,
ao longo da história, os fizeram
sofrer,
eles que são teus filhos, e,
pedindo-Te perdão, queremos
comprometer-nos a viver uma
fraternidade autêntica
com o povo da Aliança.*

Há dez anos, em *A Cruz de Jerusalém*, publicámos uma entrevista com o rabino David

Rosen que afirmava: “Se esta relação [entre judeus e católicos], que era tão crónica e tão grave, pôde tornar-se positiva e constructiva, não há relação, por mais negativa que seja, que não possa ser transformada”. Após mais de dois anos de guerra, dezenas de milhares de mortos e tanto sofrimento em Israel, em Gaza e nos vários territórios palestinianos, estas palavras assumem hoje o sentido de uma promessa cheia de esperança no termo do Jubileu que vivemos à luz desta virtude teológica. Esperança de que a escuta, o respeito, o diálogo e o encontro nunca desapareçam e continuem a alimentar, na fé, relações vividas na caridade.

Elena Dini

As relações entre muçulmanos e católicos

Nostra aetate n.º 3: um caminho de fraternidade no diálogo

A 28 de outubro de 2025, o Papa Leão XIV, no seu discurso «Caminhar juntos na esperança» por ocasião do sexagésimo aniversário de *Nostra aetate*, qualificou esta Declaração como um documento inovador e portador de esperança «tornada uma árvore majestosa, cujos ramos se estendem ao longe, oferecendo abrigo e produzindo frutos ricos de compreensão, amizade, cooperação e paz». Leão XIV recordou as palavras pronunciadas por São João Paulo II em 27 de Outubro de 1986, em Assis: «Se o mundo deve continuar, e se os homens e as mu-

lheres devem sobreviver nele, o mundo não pode prescindir da oração». O Santo Padre prosseguiu convidando a «um momento de oração silenciosa, [para que] a paz desça sobre nós», reavivando o espírito de esperança e de amor: a oração transforma os corações ao restaurar a humanidade. A Declaração afirma que os muçulmanos «procuram submeter-se com toda a alma aos decretos de Deus, ainda que ocultos, como se submeteu a Deus, Abraão, a quem a fé islâmica se refere de bom grado», e que «estimam a vida moral e pres-tam culto a Deus, sobretudo

pela oração, esmola e jejum», alguns dos pilares do Islão. Na Igreja “olha [...] com estima para os muçulmanos, que adoram o Deus único, vivo e subsistente, misericordioso e onnipotente, Criador do céu e da terra, que falou aos homens” (*Nostra aetate*, n.º 3).

Em 6 de Novembro, no Instituto Pontifício Nossa Senhora de Jerusalém, os responsáveis da Associação para o Encontro Inter-Religioso, que reúne trinta e cinco grupos de habitantes da Terra Santa, recordaram que o diálogo permite aprender a conhecer-se, valorizando o outro, aceitando as suas diferen-

ças e desenvolvendo a capacidade de exprimir o desacordo de modo amigável. A Declaração *Nostra aetate* exorta a esquecer o passado e a demonstrar compreensão mútua, apelando à colaboração para promover a justiça social, os valores morais, a paz e a liberdade: isto é determinante para a cura, a ligação e a construção que unem, devolvendo às religiões o seu papel fundamental, isto é, gerar a paz, o amor e relações autênticas com Deus e com os outros. A maioria dos cristãos da Terra Santa é árabe e desempenha um papel decisivo, quer enquanto minoria, quer como mediadores entre muçulmanos, judeus e cristãos.

Nostra aetate, n.º 3, especifica

que os muçulmanos «embora não reconheçam Jesus como Deus, [...] veneram-no como profeta; honram a sua Mãe virginal, Maria, e por vezes até a invocam com piedade», e aguardam o dia do Juízo Final: são chamados a distinguir entre os aspectos culturais, jurídicos, económicos e políticos de um Islão institucional e os aspectos espirituais e devocionais de um Islão de submissão confiante a Deus. Isto representa um desafio espiritual para os cristãos, que devem «dar razão da esperança que há em [si]» (1 Pd 3:15). Os textos do Concílio Vaticano II podem esclarecer este aspecto. O Islão permitiu que a consciência naturalmente religiosa dos muçulmanos acedes-

se ao mistério da transcendência do Deus vivo, servindo-O, mas vedando-lhes o acesso a esse mesmo mistério ao recusar qualquer comunicação ou comunhão entre o Criador e a sua criatura e ao negar a Jesus Cristo o seu papel de mediador e redentor. Cristãos e muçulmanos têm muito a dizer uns aos outros sobre o «mistério de Deus»: sem opor o Deus Altíssimo de uns ao Deus-Amor de outros, sabem que é possível «trocar certos atributos divinos» e reflectir sobre o «dom da Palavra», o «papel dos Profetas» e a «presença das Comunidades», importantes para praticar um culto «em espírito e em verdade», mencionados pelo Papa Leão XIV na audiência de 29 de outubro. Como tem sido tentado ao longo de mais de sessenta anos de encontros de diálogo, a organização da «cidade dos homens» exige que todos promovam juntos a grandeza do matrimónio e a missão da família, o desenvolvimento das artes e da cultura no respeito pelas identidades específicas, o equilíbrio económico e social em nome do bem comum, A harmonia das comunidades políticas em nome de uma ordem internacional que garanta a paz e a justiça no pleno respeito de todas as liberdades.

Tendo tudo isto em conta, não é de estranhar que hoje muitas famílias muçulmanas desejem que os seus filhos frequentem escolas católicas, como as do Patriarcado Latino de Jerusalém, pois reconhecem o respeito dos cristãos pela liberdade de consciência e apreciam a ética cristã.

Livia Passalacqua



Esta miniatura representando a Virgem, mencionada na Sura Maryam do Corão, manifesta a devoção dos muçulmanos à mãe de Jesus, que invocam na oração, especialmente quando visitam os grandes santuários dedicados a ela.

Os 1700 anos do Concílio de Niceia

Entrevista com D. Flavio Pace,
Secretário do Dicastério para a
Unidade dos cristãos

O Papa Francisco, que já se deslocara à Turquia em 2014, tinha confirmado a sua intenção de lá regressar por ocasião dos 1 700 anos do Concílio de Niceia. O seu sucessor, o Papa Leão XIV, concretizou esse desejo em novembro de 2025. Recebendo, a 17 de julho, em Castel Gandolfo, uma delegação ortodoxo-católica dos Estados Unidos, guiada pelo Cardeal Tobin e pelo metropolitano Elpidophoros, afirmara a sua vontade de ir a Niceia para uma celebração ecuménica, regozijando-se pelo facto de, em 2025, os dois calendários em uso nas nossas Igrejas terem coincidido, de modo que pudemos cantar em uníssono o Aleluia da Páscoa.

Celebrámos os 1 700 anos do Concílio de Niceia, assembleia ecuménica de bispos que formulou o Credo, pilar central da identidade cristã. Que significado profundo quis ter este aniversário para os cristãos?

Positivamente, podemos dizer que, naquela época, a exigência do concílio se impôs para precisar em quem acreditamos, pois o interesse pela pessoa de Jesus corria o risco — com as teorias de Ario, presbítero de Alexandria — de sublinhar mais a sua humanidade do que a sua divindade. Uma divergência sobre a natureza de



Cristo punha em perigo a unidade da cristandade. A questão formulada era saber se Jesus é simultaneamente homem e Deus. Neste contexto, Jesus estava no centro das discussões. Isto interpela-nos hoje, enquanto cristãos, no sentido de colocarmos novamente Jesus no centro das nossas vidas, não como o desejamos pessoalmente, mas como os Evangelhos no-Lo apresentam e segundo o que a tradição da Igreja nos transmitiu. Não se trata de inventar coisas novas sobre Jesus, mas de expressar, na linguagem do nosso tempo, o mistério do Verbo que Se fez carne para a nossa salvação. O Jesus que por vezes construímos, como um campeão ou herói, nada tem a ver com o Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que Se encarnou para que O reconheçamos em cada criatura humana, começando pela mais pequena e humilde.

A tradição popular apresenta em Jerusalém uma gruta,

no Monte das Oliveiras, onde os Apóstolos teriam escrito os artigos do Credo. Peregrinos deram testemunho disso nos seus relatos ao longo dos séculos, como Francisco Guerrero, sacerdote de Sevilha e músico espanhol, no século XVI. No Palazzo della Rovere, na via della Conciliazione, em Roma, um fresco com 500 anos evoca esse facto, atribuindo cada artigo do Credo a um apóstolo. Esta tradição indica que o Concílio de Niceia não fez mais do que reformular oficialmente, adaptando-o, o Símbolo dos Apóstolos, já conhecido e recitado pelos fiéis desde os tempos apostólicos?

É muito interessante ter em conta os relatos dos peregrinos que se dirigiram à Terra Santa ao longo dos séculos, como Egéria, por exemplo, em 380, ou o peregrino espanhol que mencionou. Mesmo que esta tradição popular não esteja historicamente fundamentada do ponto de vista científico, mostra como a fé se transmitiu através do povo, da comunidade. Gosto particularmente de recolher-me na Basílica do Santo Sepulcro num local preciso onde a tradição afirma que a Virgem Maria teria visto Cristo Ressuscitado antes de todos os outros. É belo imaginar que aquela que deu carne ao Verbo seja a primeira a acolhê-Lo vivo eternamente na luz da Ressurreição. Quanto à gruta dos Apóstolos onde teriam redigi-

do o Credo, não podemos confirmar nem negar essa tradição, mas é claro que ela manifesta que a fé essencial, a fé baptismal, é transmitida como um dom recebido. Os Apóstolos nada inventaram; prova disso é que confessam as suas fraquezas nos Evangelhos, as suas negações, as suas fugas, tendo apenas a graça de Deus para oferecer e não a sua valentia! Como diz São Paulo, trazemos um tesouro em vasos de barro, e é inegável que os Apóstolos eram vasos de barro... Isto interpela-nos porque, não sendo melhores do que eles, temos de transmitir o que os Apóstolos nos transmitiram. O Concílio de Niceia, em 325, completou o Símbolo dos Apóstolos, que era uma profissão baptismal dos primeiros cristãos. Na origem, a palavra grega *symbolon* designa um pedaço de terracota partido em dois. Refere-se a «um objecto de reconhecimento» dividido em duas partes, cada uma permitindo que mensageiros ou portadores se reconheçam ao encaixá-las. O «símbolo da fé» é, portanto, um sinal de

reconhecimento e de comunhão entre os crentes. O de Niceia retoma o Símbolo dos Apóstolos com outras palavras, sem alterar o seu sentido, e será ele próprio completado depois pelo Concílio de Constantinopla, em 381, durante o qual os bispos confirmarão que o Espírito Santo é consubstancial ao Pai e ao Filho, partilhando a mesma natureza divina. A liturgia permite a recitação de dois credos diferentes: o Símbolo dos Apóstolos e o de Niceia-Constantinopla. No Missal estipula-se que, em vez do Símbolo de Niceia-Constantinopla, particularmente na Quaresma e no Tempo Pascal, é possível utilizar o símbolo baptismal da Igreja Romana, chamado Símbolo dos Apóstolos. A escolha do Credo a recitar ao domingo cabe ao sacerdote e ao bispo local. Existem outras profissões de fé cristã, com variantes linguísticas: pensemos no Símbolo de Atanásio que, na liturgia ambrosia-

Momento de oração ecuménica durante a viagem do Papa à Turquia, por ocasião dos 1700 anos do Concílio de Niceia.

na, é recitado em vez do *Te Deum* na solenidade da Santíssima Trindade, ao passo que na tradição romana — onde também estava presente no Ofício Divino — o seu uso foi abandonado. O manual *Símbolos e definições da fé católica*, vulgarmente chamado Denzinger, do nome do teólogo alemão homónimo, reúne igualmente estes textos de profissão de fé e situa-os no seu contexto e período histórico de composição, fazendo-nos perceber, por um lado, a existência de uma *regula fidei* e, por outro, o florescimento à sua volta de diferentes expressões da mesma fé, que obviamente não contradizem o seu núcleo central.

A unidade dos cristãos realiza-se por vezes diante dos nossos olhos de modo inesperado, como em Gaza, a 17 de julho de 2025, quando fiéis católicos e ortodoxos sofreram o bombardeamento israelita que causou três mortos e uma dezena de feridos. No dia seguinte, os Patriarcas Latino e Ortodoxo de Jerusalém estavam juntos em Gaza para visitar as suas comunidades, unidas sob o sinal da cruz da igreja da Sagrada Família, que permanecera intacta apesar dos danos causados ao edifício. Como interpreta estes factos?

A unidade dos cristãos deve ser uma unidade na fé, segundo o que o Concílio Vaticano II indicou, e devemos, para isso, continuar a dissipar dúvidas e incompreensões através do diálogo e dos encontros. Contudo, certamente, o protagonista da

VATICAN MEDIA





feita-a, na medida em que o centro é Jesus Cristo. As Igrejas Católicas Orientais têm muito a ensinar-nos nesta perspectiva, para viver o vínculo com o Bispo de Roma como um vínculo que promove a comunhão e não a submissão. O Papa Leão XIV recordou-o, em substância, perante a delegação ortodoxo-católica dos Estados Unidos em julho: não procuremos saber quem tem o primado, pois Pedro e André vinham de

Jerusalém; assim, todos juntos devemos fazer a experiência de regressar a Jerusalém, de lá voltar, espiritualmente, para reencontrar o coração da fé que nos une. No meu anel episcopal está representado o pelicano, único símbolo cristão figurado no Cenáculo em Jerusalém, sinal da caridade e do sacrifício de Cristo, que derrama o seu sangue para a salvação do género humano. Neste espírito, é tempo de regressarmos a Jerusalém! O meu lema, retirado de um hino de Santo Ambrósio à Trindade, evoca a ternura divina que aquece e gera a vida, *Fove precantes Trinitas* — isto é, Protege ou aquece aqueles que rezam, ó Trindade — como para significar que o caminho da unidade é, antes de mais, uma súplica dirigida a Deus, com os nossos corações abertos uns aos outros para acolhermos juntos o dom que Ele quer conceder-nos.

**Entrevista conduzida por
François Vayne**

unidade não é um gabinete, é o Espírito Santo. O facto de, em Gaza, a paróquia católica acolher os fiéis ortodoxos há meses, o facto de entre as vítimas de julho haver um ortodoxo e dois católicos, o facto de o Patriarca Latino e o Patriarca Ortodoxo terem esperado quatro horas no posto de controlo para poder entrar e visitar os seus fiéis, tudo isto é uma palavra para o mundo e para as Igrejas: Sob o sinal do sofrimento e da Cruz, a unidade avança, misteriosamente. O martírio comum no Próximo Oriente faz-nos sentar à mesma mesa eucarística, que ainda não é a celebração sacramental, mas é a celebração do mistério da cruz, única fonte da unidade tão desejada por Jesus na Última Ceia: “Que todos sejam um” (Jo 17,21).

Para concluir, que fio de ouro vê na sua missão ao serviço da Igreja?

Ordenado sacerdote em Milão pelo Cardeal Carlo Maria

O Patriarca Latino e o Patriarca Ortodoxo de Jerusalém a caminhar lado a lado por entre as ruínas, em Gaza, durante o verão de 2025.

Martini, fui marcado pelo seu ensinamento, particularmente no que dizia respeito às nossas raízes espirituais que estão em Jerusalém e à necessidade de servir a unidade dos cristãos partindo das nossas origens. Respirei esse ensinamento que ele vivia pessoalmente e fui visitá-lo a Jerusalém, onde escolhera residir após se retirar. A unidade que ele desejava apressar, que o Concílio de Niceia ilustra com o Credo, não é uniformidade. Na minha diocese de Milão, a liturgia não é de tradição romana, mas ambrosiana, e esta experiência preparou-me para o serviço que anteriormente prestei no Dicastério para as Igrejas Orientais. Ser católico não coincide necessariamente com a tradição romana e latina. A diversidade não prejudica a unidade, mas mani-

A canonização de Bartolo Longo

Foi no decurso do Dia Mundial das Missões, a 19 de Outubro de 2025, que o Papa Leão XIV canonizou Bartolo Longo, Cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro e apóstolo da oração do Rosário.

«Quando escutamos o apelo daqueles que se encontram em dificuldade, somos testemunhas do amor do Pai, como Cristo o foi para com todos?», perguntou Leão XIV no final da sua homilia, destacando o coração ardente de devoção de Bartolo Longo, que qualificou como benfeitor da humanidade.

Numerosos membros da Ordem estiveram presentes na celebração, na Praça de São Pedro, guiados pelas suas autoridades.

O Grão-Mestre concelebrou a Missa com o Santo Padre.

No artigo que se segue, o Embaixador Leonardo Visconti di Modrone, Governador-Geral da Ordem, revisita a vivência deste grande testemunho de fé.

A 25 de Fevereiro de 2025, os devotos de Nossa Senhora de Pompeia em todo o mundo acolheram com alegria um anúncio há muito aguardado: o Papa Fran-

cisco, desde o seu leito de hospital, aprovou a canonização de Bartolo Longo, que já tinha sido beatificado pelo Papa João Paulo II a 26 de Outubro de 1980.



Mas quem era esta figura extraordinária, hoje sepultada no santuário de Pompeia, com o manto e as insígnias de Cavaleiro Grã-Cruz da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, numa capela que lhe é dedicada?

Bartolo Longo desempenhou um papel crucial na criação da «Nova Pompeia», cidade que se desenvolveu em torno do Santuário de Nossa Senhora do Rosário.

Em 1872, Bartolo Longo deslocou-se a Valle di Pompei e ficou profundamente impressionado com a pobreza espiritual e material da população. Convencido da necessidade de um renascimento religioso e social, começou a promover a devoção ao Rosário. Em 1875, com a chegada do Quadro da Virgem (a 13 de Novembro), deu início à construção de um santuário dedicado à Virgem, cuja primeira pedra foi lançada a 8 de Maio de 1876 e que foi consagrado a 7 de maio de 1891. Em torno do santuário, Bartolo Longo mandou construir orfanatos para raparigas e institutos para filhos de prisioneiros, uma tipografia para publicar documentos religiosos e promover a devoção ao Rosário, habitações para operários e uma escola de música. Estas obras sociais e religiosas favoreceram o desenvolvimento de outras infraestruturas essenciais, como uma estação ferroviária, correios e telégrafos, estradas, aquedutos e redes elétricas. O seu trabalho incansável contribuiu para fazer do santuário de Pompeia um importante centro de peregrinação mariana e ele foi também o arquitecto do nascimento e de-

envolvimento da cidade moderna de Pompeia, transformando uma zona desolada num centro de fé, caridade e progresso social.

A decisão do Papa Francisco visou, assim, homenagear um santo moderno e precursor do seu tempo. Bartolo Longo, com a sua visão profética que unia fé e caridade, antecipou a encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII e encarnou a solicitude da Igreja pelos mais necessitados, oferecendo um exemplo luminoso de santidade laical.

A sua fé, nascida de uma profunda conversão a partir de uma visão laicista e atea da vida, era forte e sincera, como demonstra a intensidade das suas orações. Na sua Súplica à Rai-

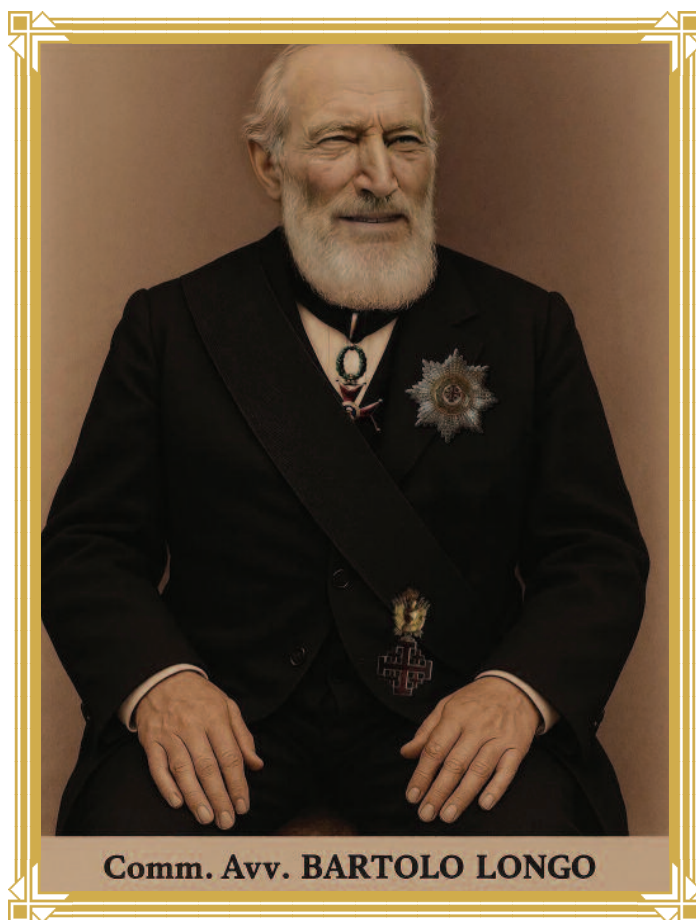
nha do Rosário de Pompeia, na versão original composta em 1883, encontramos expressões comoventes de devoção: "... com uma confiança inteiramente filial, exprimimos-Te as nossas misérias...", "não nos afastaremos de Ti até que nos tenhas abençoado", "serás o nosso conforto na hora da agonia, a Ti o último beijo da vida que se extingue".

Além disso, a sua fé concretizou-se, antes de mais, num forte compromisso com a caridade e o amor pelos excluídos, através da criação de iniciativas inovadoras de acolhimento e educação de órfãos, indigentes, menores desfavorecidos e filhos de prisioneiros.

A canonização de Bartolo Longo, membro ilustre da nossa Ordem em virtude da concessão da distinção de Cavaleiro Grã-Cruz por breve apostóli-

Os membros da Ordem participaram com alegria na canonização do Cavaleiro Bartolo Longo, 19 de Outubro de 2025.





Comm. Adv. BARTOLO LONGO

São Bartolo Longo usava com orgulho as insígnias da Ordem do Santo Sepulcro.

co do Papa Pio XI, de 5 de Março de 1925, é, portanto, um acontecimento de extraordinária importância para todos nós, Cavaleiros e Damas. Se examinarmos o artigo 4.º dos nossos Estatutos, que enumera os compromissos de um membro (renúncia pessoal, generosidade, coragem, solidariedade, solicitude, empenho e colaboração), constatamos que Bartolo Longo é exemplo em cada um desses compromissos.

Ele renunciou, de facto, aos seus interesses pessoais pelo bem comum, dedicando a sua energia e os seus recursos aos excluídos e necessitados. Foi generoso, oferecendo ajuda aos mais vulneráveis e menos favorecidos: acolheu órfãos, fundou jardins de infância, velou pela

redenção dos prisioneiros e apoiou os seus filhos, promovendo a evangelização e o progresso civil numa região ainda isolada. Demonstrou coragem, partindo do nada e levando a bom termo, com determinação, o projecto da “Nova Pompeia”, obra que representa o seu verdadeiro milagre.

Foi solidário com todas as iniciativas caritativas da Igreja, em harmonia com santos como Ludovico da Casoria (“o pobre irmão de cujas mãos a Providência fazia correr os tesouros”), que considerava seu mestre, e Caterina Volpicelli, artífice da sua conversão e inspiradora da fundação do Santuário.

Foi igualmente ativo no seu empenho cívico na defesa dos direitos da Igreja, num período

difícil de conflito com o Reino de Itália, que provocara divisões anticlericais na sociedade e tensões mesmo no seio do mundo católico: «Imploramos-Te piedade pela nossa Itália, que Deus enriqueceu, acima de todas as nações da terra, ao acolher no seu seio o Chefe de todo o Mundo católico...», escrevia na sua Súplica.

Comprometeu-se com a paz universal, dedicando-lhe a inauguração da fachada da nova basílica, antecipando assim os apelos de Bento XV contra os massacres inúteis da Grande Guerra.

Favoreceu a colaboração com personalidades (algumas, como ele, elevadas à glória dos altares) animadas pelos mesmos ideais, como Dom Bosco, de quem recolheu ensinamentos para difundir com vigor os princípios da fé e da caridade, e Giuseppe Moscati, seu médico pessoal, que o assistiu até à sua morte, a 5 de Outubro de 1926 (com oitenta e cinco anos), e que tratava gratuitamente os órfãos e os doentes acolhidos em Pompeia.

Acolhemos com alegria a decisão do Papa Francisco, gesto significativo antes da sua partida, que é também um sinal de estima pela nossa Ordem. Percebemo-la em ligação com o compromisso social que o Papa Leão XIV manifesta desde o início do seu pontificado; e recordemos sempre as palavras de Bartolo Longo: «A Caridade sem Fé seria uma suprema mentira. A Fé sem Caridade seria uma suprema incongruência».

Leonardo Visconti di Modrone
Governatore Generale



GUCCIONE

DESDE 1975

CONDECORAÇÕES PARA ORDENS DE CAVALARIA



**Ordem do Santo Sepulcro
Ordens Equestres Pontifícias
Ordem de Malta**

Ordens Dinásticas de Itália e da República

A primeira audiência do novo Papa ao Grão-Mestre

Na Biblioteca do Palácio Apostólico, o novo Papa, eleito a 8 de Maio de 2025, recebeu em audiência privada, a 24 de Junho de 2025, o Grão-Mestre da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, Sua Eminência o Cardeal Fernando Filoni, acompanhado pelo Assessor, Sua Excelência D. Tommaso Caputo.

O Grão-Mestre apresentou a natureza da Ordem, os seus objectivos na Terra Santa, o compromisso espiritual dos Cavaleiros e das Damas e alguns aspectos relativos à eclesiologia da Ordem, tanto ao nível da Igreja universal como ao nível das Igrejas locais.

Papa Leão XIV escutou com grande atenção e recordou que, alguns dias antes, durante a procissão do Corpo de Deus em Roma, notara a presença de vários Cavaleiros que transportavam o púlpito sob o qual levava o Santíssimo Sacramento. D. Tommaso Caputo, por seu lado, sublinhou a importância da Ordem nas Igrejas locais, recordando em particular quanto Bartolo Longo — que o Papa canonizou posteriormen-

te, em Outubro de 2025 — é um modelo espiritual essencial para os Cavaleiros e Damas.

Além de encorajar os membros da Ordem a prosseguirem generosamente os compromissos assumidos, o Santo Padre declarou-se favorável ao alargamento, sob forma de inclusão, a outros leigos e leigas que, não podendo ser membros, desejem participar na sua missão e viver a sua espiritualidade, num espaço denominado «Amigos da Ordem».

No final da audiência, o Santo Padre concedeu a sua bênção apostólica a todos os membros no mundo e aos seus amigos.

O cardeal Fernando Filoni, Grão-Mestre, e D. Tommaso Caputo, Assessor, foram recebidos juntos, pelo Papa Leão XIV para falar sobre o futuro da Ordem.



O jubileu de mais de 3600 Cavaleiros e Damas do mundo inteiro

Três dias em Roma nos passos dos apóstolos Pedro e Paulo

A peregrinação jubilar internacional da Ordem do Santo Sepulcro reuniu, de 21 à 23 de Outubro de 2025, mais de 3600 Cavaleiros e Damas provenientes de todos os continentes. O Governador-Geral, os quatro Vice-Governadores-Gerais (Europa, Ásia-Pacífico, América do Norte e América Latina), bem como numerosos Lugar-Tenentes, guiaram os peregrinos da Ordem durante esses três dias. Em nome de todos, o Grão-Mestre ofereceu ao Santo Padre um ícone de Nossa Senhora da Palestina, elaborado especialmente para ele, na Terra Santa.

«**V**iestes a Roma de diversas partes do mundo, o que nos recorda que a prática da peregrinação está na origem da vossa história. Com efeito, nascestes para guardar o Santo Sepulcro, para cuidar dos peregrinos e para sustentar a Igreja de Jerusalém», afirmou Papa Leão XIV aos mais de 3600 Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro vindos em peregrinação jubilar a Roma (a audiência pontifícia realizou-se a 23 de Outubro de 2025).

O discurso integral do Papa está disponível no nosso site www.oessh.va



Em nome dos 30000 membros da Ordem, homens e mulheres, na sua maioria leigos, distribuídos por todos os continentes e representados pelos peregrinos presentes provenientes de cerca de quarenta países, o Cardeal Filoni ofereceu ao Papa um ícone da Padroeira da Ordem, Nossa Senhora da Palestina (celebrada todos os anos a 25 de Outubro), realizado especialmente para ele na Terra Santa por uma religiosa da Congregação das Irmãs de Belém.

Depois de acolhidos na terça-feira, 21 de Outubro, nos seus locais de alojamento em Roma pelos membros do staff do Grão-Magistério, os participantes na peregrinação jubilar participaram nessa mesma tarde na Missa de abertura, presidida pelo Grão-Mestre, na Basílica de São Paulo Extra Muros. Após a passagem pela Porta Santa, meditaram sobre o sentido do seu compromisso nesta basílica onde são veneradas as relíquias das cadeias de São Paulo, que tinha particularmente levado a peito a missão entre os povos e o apoio à Igreja de Jerusalém. A seguir à celebração, escutando a homília do cardeal Fernando Filoni, cada um pôde atualizar o seu encontro pessoal com o Senhor, para continuar a servir como apóstolo da paz, da reconciliação e da compaixão.



Na quarta-feira, 22 de Outubro, os peregrinos atravessaram a Porta Santa da Basílica de São João de Latrão, que conserva, segundo a tradição, o altar de madeira do apóstolo Pedro. Após a profissão de fé e a afirmação da primazia petrina (Mt 16:13-19), o príncipe dos Apóstolos ofereceu a sua vida pela Igreja que — recordou o Cardeal Filoni na sua homília — é «uma comunhão de pessoas unidas pela fé em Jesus e na sua revelação, o espaço no qual o mistério transcendente de Deus encontra cada um de nós e encontra o nosso mundo».



Na tarde do dia 22 de Outubro, a peregrinação prosseguiu com a passagem pela Porta Santa da Basílica de Santa Maria Maior. Construída no século IV por vontade da Virgem Maria manifestada ao Papa Libério, foi consagrada ao culto por Sisto III após o reconhecimento da maternidade divina de Maria pelo Concílio de Éfeso, em 431, indicando que o mistério da Encarnação nos abre à salvação. Segundo a tradição, conserva-se nesta basílica a relíquia do presépio, razão pela qual é chamada «a Belém do Ocidente». Em procissão, atrás do Grão-Mestre e do Governador-Geral, os peregrinos rezaram o rosário em silêncio, recolhendo-se por alguns instantes diante do ícone Salus Populi Romani, tradicionalmente atribuído a São Lucas e tão querido ao coração do Papa Francisco, cujo corpo repousa nesta basílica.



No dia 23 de Outubro, após participarem na audiência concedida pelo Papa Leão XIV, os mais de 3 600 Cavaleiros e Damas dirigiram-se em procissão da Sala Paulo VI até à Porta Santa da Basílica de São Pedro, antes de participarem na celebração eucarística presidida pelo Grão-Mestre. «Ubi Petrus, ibi Ecclesia» — «Onde está Pedro, aí está a Igreja»: com esta expressão de Santo Ambrósio, o Cardeal Filoni insistiu novamente na participação ativa dos membros da Ordem na solicitude do Papa pelo apoio à Igreja na Terra Santa.

Antes da fotografia de grupo, o Embaixador Leonardo Visconti di Modrone, Governador-Geral e principal organizador deste acontecimento histórico, dirigiu-se publicamente a todos os participantes, confrades e amigos da Ordem:

«Agradeço-vos a devoção com que participastes nas várias etapas nas quatro basílicas romanas e também a paciência com que enfrentastes alguns incómodos. Organizar a participação de três mil e setecentos peregrinos vindos do mundo inteiro não foi fácil, mas espero que conserveis uma boa recordação destes dias romanos, que nos fortaleceram na fé e no amor pela Terra Santa.»



Um pequeno filme da peregrinação jubilar dos Cavaleiros e Damas foi realizado pelo Serviço de Comunicação da Ordem. Está disponível no canal do YouTube do Grão-Magistério. Além disso, no sítio internacional da Ordem (www.oessh.va), pode ler ou reler o artigo completo relativo a esta peregrinação histórica, durante a qual o Papa Leão XIV encorajou toda a Ordem na sua missão e acção ao serviço da Igreja que está na Terra Santa.

Viver a missão em conjunto: o percurso de uma família com a Ordem

Testemunho de Nicole e Scott, casados e pais, Cavaleiro e Dama vindos dos Estados Unidos para participar na peregrinação internacional da Ordem

Nosso percurso com a Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém começou em 2016, durante o Ano Jubilar da Misericórdia. Ao atravessarmos as Portas Santas da nossa catedral em Phoenix, no Arizona, notámos que vários dos nossos amigos usavam o belo manto da Ordem. A sua força tranquila, o respeito e o testemunho alegre chamaram imediatamente a nossa atenção. Perguntámos-lhes do que se tratava — e essa simples pergunta abriu, por si só, uma porta.

Através das nossas pesquisas, conversas e da oração, ficámos a conhecer melhor a história, a espiritualidade e a missão da Ordem. Mais tarde, nesse mesmo ano, a nossa família fez uma peregrinação à Terra Santa, e foi aí que os nossos corações foram verdadeiramente tocados. Percorrer o Antigo e o Novo Testamento — celebrando a Missa onde Jesus nasceu, pregou, realizou milagres, morreu, ressuscitou e subiu ao Céu — tornou as Escrituras vivas de um modo que nunca antes tínhamos experimentado.

Estar nos lugares onde Maria e os Apóstolos alimentaram a Igreja nascente foi uma grande lição de humildade.



Ficámos particularmente tocados pelos cristãos que permanecem na Terra Santa, esforçando-se por viver com dignidade perante numerosos desafios. Foi então que compreendemos profundamente a missão da Ordem: proteger não apenas os lugares sagrados da nossa fé, mas também as *pedras vivas* — as pessoas que continuam a testemunhar Cristo na Sua pátria, que é também a nossa pátria enquanto católicos.

Em 2017, ingressámos na Ordem. Desde o início, é uma

missão que vivemos em família. Os nossos dois filhos estiveram presentes nas nossas cerimónias de Investidura e de promoção, e frequentemente acompanham-nos nos encontros anuais da Lugar-tenência. Viver esta vocação em conjunto fortalece o nosso matrimónio e a nossa vida de oração. Permite-nos servir como «um só» — unidos na fé, na caridade e no propósito.

Através da Ordem, descobrimos a beleza de viver as Bem-Aventuras e de responder ao apelo de Cristo às obras de misericórdia, corporais e espirituais. A Ordem mantém-nos firmes na oração e ligados a uma comunidade mundial de crentes que se esforçam por levar esperança e ajuda aos habitantes da Terra Santa.

Participar neste Ano Jubilar da Esperança em Roma, ao lado de milhares de outros Cavaleiros e Damas, foi uma experiência profundamente piedosa e inesquecível. Atravessar juntos as Portas Santas, celebrar a Missa na unidade de espírito e ouvir tantas línguas elevarem-

se em louvor foi um recordatório de que a fé partilhada multiplica a alegria. Como escreveu Santo Agostinho de Hipona: “Quando muitos partilham a mesma alegria, cada um é também mais rico de alegria.”

Somos continuamente inspirados pelas palavras da Oração Colecta da Missa que celebrámos recentemente:

“Senhor Deus, que edificas a morada eterna da tua glória com pedras vivas e escolhidas; faz abundar na tua Igreja o espírito de graça que lhe concedeste, para que o povo dos teus fiéis não cesse de crescer e assim se edifique a Jerusalém celeste.”

É esta a missão que esperamos viver cada dia — construir

a nossa Jerusalém celeste, sustentando tanto a terra sagrada da nossa fé como as pessoas que ainda hoje a chamam “casa”.

Com a nossa gratidão e cordiais saudações,

**Diocese Scott e
Nicole Fleckenstein**

Phoenix, Estados Unidos da América

A peregrinação dos jovens

O Grão-Magistério decidiu propor uma pequena iniciativa de peregrinação a Roma, de 27 a 30 de Novembro de 2025, para os jovens (dos 18 aos 24 anos) próximos da Ordem. Assim, des jovens vindos de Espanha, França, Portugal e Austrália reuniram-se para quatro dias dedicados à oração, à caminhada, ao conhecimento mútuo e a uma descoberta mais aprofundada da Ordem do Santo Sepulcro.

A peregrinação teve início a 27 de Novembro de 2025 com um momento de reflexão orientado pelo Grão-Mestre, o Cardeal Fernando Filoni, seguido de um jantar partilhado com as autoridades da Ordem e com os responsáveis da Lugar-tenência da Itália central, que testemunharam a sua experiência como Cavaleiros e Damas.

No dia seguinte, os jovens deslocaram-se aos escritórios do Grão-Magistério, onde se encontraram com o Governador-Geral, o Embaixador Leonardo Visconti di Modrone, que lhes falou da acção concreta da Ordem do Santo Sepulcro



na Terra Santa e dos diversos domínios em que a Ordem está envolvida.

Os jovens aproveitaram amplamente o tempo passado em conjunto para se conhecerem melhor, formar grupo, rezar e viver plenamente a experiência jubilar, atravessando as Portas Santas de três basílicas papais: São João de Latrão, Santa Maria Maior e São Pedro, onde puderam igualmente visitar as escavações do Vaticano e ver o túmulo de Pedro.

No sábado, 29 de Novem-

bro, os jovens tiveram a oportunidade de participar na Missa celebrada pelo Grão-Mestre nas grutas do Vaticano: um momento de grande espiritualidade que os marcou profundamente.

Ao deixarem Roma, despediram-se calorosamente e enviaram uma longa carta de agradecimento ao Cardeal Grão-Mestre e ao Governador-Geral, plenamente conscientes da importância do acontecimento vivido.

Elena Dini

O Regulamento Geral da Ordem



A 1 de Janeiro de 2025 entrou em vigor o novo Regulamento Geral da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém. Tratando-se de um instrumento fundamental para a vida quotidiana e para a gestão não apenas do Grão-Magistério, mas sobretudo das realidades locais da Ordem, muitos Lugar-Tenentes e membros da Ordem haviam sublinhado, nos últimos anos, a necessidade de atualizar o Regulamento anterior. Foi, por isso, criada no Grão-Magistério uma Comissão ad hoc, que trabalhou durante vários meses na elaboração deste documento.

Como indicado na carta assinada pelo Cardeal Grão-Mestre e pelo Governador-Geral por ocasião da festa de Nossa Senhora da Palestina (25 de Outubro de 2024), «o Regulamento Geral destina-se a sustentar a vida da Ordem na sua natureza orgânica e na sua participação, para levar por diante este “projecto de vida, de convicções, de valores, de opções próprias dos Cavaleiros e das Damas”». Este instrumento, tão importante para a vida ordinária da Ordem, faz parte dos documentos fundadores da Ordem (Estatutos, livro sobre a espiritualidade, Ritual das Celebrações e Documento sobre a Formação), completando assim a bela imagem dos cinco dedos da mão proposta pelo Governador-Geral na Newsletter n.º 74/10 p. 1-2.

O Regulamento prevê várias secções, entre as quais a Organização e o Governo Central, a Organização e a Gestão Territorial, os membros da Ordem e as Medidas e Procedimentos Disciplinares.

A estas secções acrescentam-se anexos relativos às admissões, promoções e benefícios espirituais concedidos à Ordem do Santo Sepulcro pelos Sumos Pontífices.

Em razão da sua importância, «O Regulamento, assim como os Estatutos, devem ser conhecidos não somente pelos Responsáveis, mas também por cada Cavaleiro e cada Dama, tal como os documentos sobre a Espiritualidade e a Formação». É aprovado *ad biennium*.

Um comité histórico da Ordem



No âmbito da sua missão de «manter vivo, no seio da comunidade eclesial, o zelo pela Terra de Jesus e de aí apoiar a Igreja católica e a presença cristã» (Estatutos, Art. 1), a Ordem não é alheia à dimensão cultural e à investigação histórica que consolidam as suas raízes.

Devido à complexidade histórica da nossa Instituição pontifícia, a proposta de criação de um Comité ad hoc havia surgido há já alguns anos, tendo sido novamente formulada pela Consulta da Ordem em Novembro de 2023 e confirmada pelo Grão-Magistério na reunião de Abril de 2024. Em 12 de Janeiro de 2025 foi formalmente criado o Comité histórico da Ordem, com a missão, entre outras, de promover estudos históricos relativos à Ordem, prestar aconselhamento nesta matéria para diversas necessidades e, a pedido, supervisionar a organização de actividades culturais ou publicações específicas.

O seu presidente é Tomás Parma, Lugar-Tenente da Ordem para a República Checa, autor do livro de história *Cavaleiros, Damas e peregrinos* (cf. Newsletter 62/7 p. 23/24).

Um compêndio para os eclesiásticos da Ordem



Durante o ano de 2025, o Cardeal Grão-Mestre dedicou particular atenção ao papel dos eclesiásticos no seio da Ordem; assim foi aprovado o Compêndio, que reúne todos os documentos que tratam, de forma fragmentária, da presença e das actividades dos eclesiásticos na Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém.

Com efeito, muitos solicitam esclarecimentos acerca do seu papel numa Ordem de natureza laical, ou desconhecem o lugar da Ordem na Igreja. Com este texto, espera-se responder às necessidades dos Cavaleiros eclesiásticos ou religiosos, das Damas religiosas e de todos os interessados. O texto é útil tanto para os Lugar-Tenentes e Responsáveis nos seus contactos com os eclesiásticos que ingressam na Ordem, como com os Bispos das dioceses onde a Ordem está presente.

A nova Fundação da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém

 Foi constituída, por escritura notarial de 27 de Outubro de 2025, uma Fundação da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém (Organismo do Terceiro Sector), de direito italiano. Esta Fundação dedica-se a atividades de apoio aos projectos da Ordem de natureza económica e comercial, que era oportuno retirar da competência directa da Ordem por razões fiscais e de facilidade de gestão. Poderá exercer, com autonomia jurídica e sem fins lucrativos, actividades de carácter comercial, tais como a gestão do museu do Palazzo della Rovere, a edição de publicações, a promoção de actividades culturais, sociais e promocionais, a organização de eventos caritativos e de representação, beneficiando igualmente das facilidades fiscais e das vantagens oferecidas pelo ordenamento jurídico italiano para as actividades do Terceiro Sector (por exemplo, os residentes em Itália poderão beneficiar do regime do 5x1000, que permite aos contribuintes destinar uma parte do seu imposto sobre o rendimento a organismos sem fins lucrativos, como, por exemplo, a Fundação da Ordem).

Os Amigos da Ordem

Um espaço para aqueles que desejam participar em certos aspectos da vida da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém

 Desde há algum tempo, várias Lugar-tenências solicitavam ao Grão-Magistério que se pronunciasse sobre a possibilidade de homens e mulheres não pertencentes à Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro, atraídos — ou mesmo fascinados — pelos seus objectivos espirituais ou pelas iniciativas concretas em favor da Terra Santa, poderem ser associados à missão que lhe foi confiada pelos Sumos Pontífices.

Para responder às preocupações dos Lugar-Tenentes, Delegados Magistrais e Responsáveis locais (leigos e eclesiásticos) sobre este tema delicado, a questão foi submetida ao Papa Leão XIV na audiência concedida ao Grão-Mestre e ao Assessor da Ordem, em 24 de Junho de 2025. Após tomar conhecimento das razões apresentadas, o Sumo Pontífice deu o seu acordo à criação de um espaço dos «Amigos da Ordem», onde se reunirão aqueles que, sem nela ingressarem, desejam participar em certos aspectos da sua vida.

Este acordo foi confirmado por carta da Secretaria de Estado.

O projecto, para o qual foi redigido um documento específico, inscreve-se no âmbito do Art. 4, ponto 7, dos Estatutos da Ordem, que trata da colaboração com todos aqueles que partilham «*finalidades e objectivos análogos*» em relação à Terra Santa, como «*chamar a atenção dos católicos, dos outros cristãos, das pessoas pertencentes a outras religiões e dos homens de boa vontade do mundo inteiro para as obras de bem em que a Ordem está empenhada na Terra Santa, bem como para a promoção da união entre os cristãos e para a compreensão e colaboração inter-religiosas*».

Este documento abre, assim, amplas perspectivas às Lugar-Tenências e às Delegações Magistrais.

Oito anos ao serviço da Ordem: um caminho de diálogo e inovação

O Cardeal Grão-Mestre assinou, em 30 de Junho de 2025, o decreto pelo qual renova donec aliter provideatur o mandato de Governador-Geral do Embaixador Leonardo Visconti di Modrone, nos termos do Art. 11 dos Estatutos.

O Governador-Geral ocupa o mais alto cargo laical da Ordem e, em conformidade com os Estatutos, é o seu administrador central, responsável pela gestão financeira e económica. Como principal colaborador do Grão-Mestre — nomeado pelo Papa — que dirige e governa a Ordem, o Governador reúne-se diariamente com Sua Eminência, expondo-lhe as necessidades da Terra Santa e dando-lhe conta do conteúdo das suas trocas com as Lugartenências, bem como das directrizes transmitidas.

Neste artigo, o Embaixador Visconti di Modrone recorda as principais etapas da sua experiência ao longo dos seus dois primeiros mandatos e a importância que atribuiu ao método do diálogo, a fim de encontrar a força e o consenso necessários para sustentar decisões inovadoras destinadas a adaptar a gestão da Ordem às exigências de hoje e de amanhã.

Um dos aspectos mais gratificantes dos meus oito anos como Governador-Geral da Ordem foi, sem dúvida — para além do contacto quotidiano com os dois Grão-Mestres que

se sucederam neste período, o Cardeal O'Brien e o Cardeal Filoni — o diálogo constante com todos os membros, nos quatro cantos do mundo, e a benevolência que sempre me demonstraram ao apoiarem as minhas iniciativas.

O Governador-Geral a inaugurar um projecto concluído na Terra Santa.

Recordo ainda o dia em que assumi funções. No final de uma reunião do Grão-Magistério, no meu discurso inaugural, exprimi o desejo de fundamentar a minha acção num contacto contínuo com todos os confrades. Este espírito de diálogo, mesmo à custa de alguns obstáculos, guiou-me desde os primeiros passos.



Os desafios iniciais e a força do diálogo

Estava consciente de suceder a uma figura eminente, o saudoso Professor Agostino Borromeo, um erudito de grande envergadura na história da Igreja. Não possuía nem a sua cultura universitária, nem a sua vasta experiência no seio da Ordem, nem o seu conhecimento dos meios eclesiais. Principiante receoso num cargo novo, sentia-me, contudo, tranquilizado pelo seu apoio e encorajamento. Sabia que a minha única verdadeira arma era a experiência de mais de quarenta anos de vida diplomática e, portanto, uma predisposição natural para a negociação. Procurei, assim, colocar essa experiência ao serviço da Ordem, na continuidade do trabalho do meu predecessor.

Os dois Vice-Governadores da época, Giorgio Moroni Stampa e Patrick Powers, partilharam a minha abordagem, exortando-me conjuntamente, numa conversa confidencial logo após a minha nomeação, a uma abertura cada vez maior.

Comecei imediatamente por uma visita à Terra Santa, integrando-me na Comissão então dirigida pelo Professor Thomas Mc Kiernan, que supervisionava regularmente os projectos e prestava contas ao Grão-Magistério. O contacto direto com o Patriarcado e com os responsáveis das diferentes áreas operacionais foi, desde esse momento, a minha prioridade. Estava — e estou — consciente não apenas das exigências estatutárias, mas também da realidade incontestável de que aqueles



que trabalham no terreno são os mais qualificados para avaliar prioridades e urgências.

Nesses meses, encontrava-se igualmente em preparação a Consulta, cujo tema principal era a reforma dos Estatutos e a redacção de linhas orientadoras para os Lugar-Tenentes. A complexidade da matéria e a ausência de uma verdadeira abordagem dialogante não permitiram alcançar de imediato um resultado. Contudo, esse trabalho constituiu o prelúdio da redacção do Regulamento Geral, que só veria a luz mais tarde, e uma referência fundamental para a organização da Consulta seguinte, que — por feliz intuição do Grão-Mestre, o Cardeal Filoni — foi também aberta à participação dos Grão-Priores.

Superar dificuldades e reforçar a estrutura

Uma questão de grande peso ensombrou a serenidade destes primeiros passos: a divisão interna na Lugar-tenência de França. A sua reconciliação tinha sido confiada ao trabalho paciente de D. Bernard-Nicolas

Visita do Governador-Geral a um dos locais de acolhimento de crianças, gerido pelo Patriarcado Latino e apoiado pela Ordem.

Aubertin, com quem tive imediatamente uma longa conversa em Santa Marta, onde residia, no dia seguinte à minha entrada em funções. Só através do diálogo e de um espírito de reconciliação — mesmo neste caso delicado — foi possível, graças a ele e às pessoas que escolheu, chegar com o tempo a uma solução.

No plano administrativo, pesava igualmente a controvérsia com o arrendatário de parte do Palazzo della Rovere, a sociedade que geria o Hotel Columbus. Encontrávamo-nos perante a alternativa de resolver o litígio mantendo uma gestão hoteleira de qualidade modesta e de fraco rendimento, ou virar completamente a página, mudando de operador e procedendo à adaptação e restauro do palácio. Propus ao então Grão-Mestre, o Cardeal O'Brien — não sem algumas divergências internas — esta segunda via, mas obtive também que as decisões fossem assistidas por

uma Comissão Internacional de peritos: creio firmemente que foi a escolha acertada.

Por coincidência, o momento da minha nomeação coincidiu com a renovação de numerosos Lugar-Tenentes cujo mandato chegava ao fim. Era necessário proceder às substituições, baseando as escolhas em informações muitas vezes limitadas. Daí a necessidade de contactos informativos confidenciais e, por natureza, delicados, sobretudo com membros do clero. Tive de aprender a interpretar a sofisticada linguagem eclesiástica, a que não estava habituado, feita de subtilezas, de ditos e não-ditos.

O diálogo como eixo da acção

Indiferente às críticas, coloquei sempre o diálogo, na maior transparência, no centro da minha acção. Comecei a participar nas Investiduras, iniciando pelos países mais importantes em número de membros e dimensão das contribuições. Na minha primeira participação numa destas cerimónias, em Bordéus, tive a impressão de que o banquete que se seguia à Investidura poderia ser ocasião ideal para expor, numa breve intervenção, as linhas da minha acção e os projectos da Ordem. Desde então — encorajado pelo Grão-Mestre, o Cardeal Filoni — introduzi esta prática. A isso acrescentei, com o tempo, o pedido de um encontro com os membros da Lugar-Tenência e com os candidatos, iniciativa que se tornou depois habitual e enriquecida pela participação do próprio Grão-Mestre.

Mudanças de Lugar-Tenentes de todo o mundo marcam os longos dias de trabalho do Governador-Geral, que é voluntário como todos os responsáveis da Ordem em Roma e no mundo.



As reuniões regionais pareceram-me desde logo uma oportunidade importante para reforçar o diálogo entre os Lugar-Tenentes. Após o encontro dos Europeus em Roma, participei no dos Latino-Americanos em Buenos Aires e no dos Norte-Americanos em Toronto. Apenas recentemente, em Maio deste ano, realizei o sonho de encontrar pessoalmente — e não à distância — os confrades da Austrália, Ásia e Pacífico, em Perth.

Compreendi também que, entre os europeus, era mais construtivo organizar reuniões regionais restritas entre Lugar-Tenências vizinhas, e promovê-las em Madrid, Paris, Estocolmo, Viena, Londres e Praga, encorajando igualmente a inscrição na ordem do dia de um encontro semestral entre os Lugar-Tenentes de língua italiana. Estes encontros permitiram trocas de experiências muito úteis, favorecendo uma percepção comum dos compromissos e uma fraternidade na oração.

Para favorecer uma participação mais ampla nas decisões, pedi ao Grão-Mestre, o Cardeal O'Brien, a instituição de novas Comissões: a da Economia, a Comissão Espiritual e a da Revisão das normas protocolares. As duas primeiras foram confirmadas como permanentes e

inseridas no texto dos novos Estatutos; a terceira acabou por ser integrada na Comissão temporária que elaborou o novo Regulamento Geral, sob a direcção do Cardeal Filoni.

Desafios recentes e novas oportunidades

A Covid constituiu um terrível obstáculo aos progressos iniciados. Durante esse período sombrio, as visitas foram suspensas durante um ano e os encontros tiveram de ser organizados por via telemática, reduzindo o efeito agregador das conversas informais à margem das cerimónias, que tanto haviam favorecido a proximidade. As peregrinações cessaram igualmente por completo, com pesadas consequências não só económicas para a Terra Santa, mas também espirituais.

Após a Covid, uma tragédia ainda mais dramática — a guerra — impôs à Ordem a procura de novas formas de apoio à comunidade cristã na Terra Santa, cada vez mais sob pressão e ameaçada de extinção. Foram incentivadas contribuições suplementares às habituais, que constituem o pilar do nosso compromisso caritativo, através de apelos, campanhas específicas e projectos concretos.

Entretanto, a operação relativa ao Palazzo della Rovere ganhava dimensão. A coragem de escolher a via da inovação foi recompensada, após uma longa e paciente negociação — não isenta de momentos controversos, interferências na imprensa e oportunas mudanças de consultores — que conduziu à escolha de um arrendatário de prestígio. Este novo parceiro, assumindo os encargos da renovação do palácio, permitiu-nos não recorrer aos recursos da Ordem e oferece sólidas garantias para o futuro.

A transferência para uma sede provisória dos escritórios da Ordem, a fim de permitir as obras, não diminuiu a eficácia do Grão-Magistério, ainda que tenha necessariamente reduzido as actividades promocionais. Nos meses anteriores, haviam sido organizados diversos eventos e visitas nos prestigiados salões decorados com frescos do Pinturicchio, difundindo a imagem da Ordem e o conhecimento das nossas actividades caritativas: uma actividade de

relações externas acompanhada por um reforço paralelo dos meios de informação e comunicação, atualmente disponíveis em seis línguas para benefício de um público cada vez mais vasto.

Por uma feliz circunstância, os trabalhos de escavação no jardim do Palácio trouxeram igualmente à luz importantes descobertas arqueológicas. Na sequência de acordos com as autoridades responsáveis pelo património artístico, esses vestígios serão expostos num pequeno museu, gerido por uma Fundação. Um Comité Científico de reconhecida autoridade, presidido pelo Cardeal Ravasi, supervisiona o seu funcionamento. Também nestes processos, o diálogo entre os representantes das múltiplas autoridades envolvidas, italianas e vaticanas, eminentes consultores e representantes do arrendatário, reunidos semanalmen-

Os Lugar-Tenentes da Ásia e do Pacífico rodeiam o Governador-Geral durante uma das suas visitas à vasta região.

te à terça-feira num Comité de Acompanhamento, permitiu uma coordenação harmoniosa dos trabalhos de reestruturação e a definição de um projecto expositivo-informativo de grande utilidade para a Ordem. As boas relações estabelecidas com os responsáveis dos Museus do Vaticano permitirão trazer de regresso ao Palazzo della Rovere fragmentos de frescos que dele haviam sido retirados durante as obras de restauro de 1950.

Conclusão: olhar para o futuro

Em todas estas operações, o apoio constante do Grão-Mestre — nomeado pelo Papa — que dirige e governa a Ordem e é diariamente informado de cada etapa, bem como o princípio do diálogo e da transparência com os diversos intervenientes, orientaram a minha acção. Isso permitiu-me introduzir inovações e tomar iniciativas, partilhando responsabilidades com pessoas animadas do mesmo espírito e com técnicos competentes.

Ao concluir os meus primeiros oito anos de mandato, grato pela confiança que os dois Grão-Mestres que se sucederam — o Cardeal Edwin O'Brien e o Cardeal Fernando Filoni — depositaram em mim, invoco a protecção da Bem-Aventurada Virgem, Padroeira da Ordem e Rainha da Palestina, sobre o trabalho que ainda me resta realizar, e que continuo com o mesmo espírito de serviço que me levou a aceitar este cargo há oito anos.

Leonardo Visconti di Modrone
Governador-Geral



A acção da Ordem reforça-se face à situação trágica dos cristãos na Terra Santa

A Cruz de Jerusalém relembra o essencial das duas reuniões anuais do Grão-Magistério, sob forma de síntese (as actas completas estão disponíveis no nosso site internacional: www.oessh.va)

A reunião da Primavera do Grão-Magistério realizou-se a 29 de Abril de 2025, sob a presidência do Assessor da Ordem, D. Tommaso Caputo, Arcebispo-Prelado de Pompeia, num espírito de reconhecimento pelo pontificado do Papa Francisco — que tanto teve no coração a atenção a Terra Santa — e na ausência dos Cardeais Filoni e Pizzaballa, Grão-Mestre e Grão-Prior da Ordem, impedidos pelas congregações gerais antes do início do conclave.

Durante a reunião, o Tesoureiro, Saverio Petrillo, mostrou que as contribuições ordinárias em 2024 atingiram mais de 18 milhões de euros, ou seja, 2,3 milhões a mais do que no ano anterior, evidenciando uma mobilização extraordinária dos membros devido à situação dramática na Terra Santa. Durante a sua intervenção comovente, o administrador-geral do Pa-

triarcado Latino, Sami El-Yousef, testemunhou com dor esta tragédia, falando de uma “confiança quebrada” entre israelitas e palestinianos e referindo um início de instabilidade também na Jordânia, onde vivem 2,4 milhões de refugiados palestinianos, na sequência da decisão americana de cessar a ajuda financeira através da UNRWA. Num dinamismo de esperança, salientando que o

Patriarcado é o maior empregador de cristãos na Terra Santa, assinalou a importância da campanha norte-americana em apoio às 44 escolas do Patriarcado, particularmente para aju-

Alguns membros do Grão-Magistério participam por vezes nas reuniões de forma virtual, mas a sua presença continua activa: o período da pandemia favoreceu outros meios de comunicação que continuam a ser muito úteis.





dar as famílias a pagar as propinas.

Segundo a ordem de trabalhos, cada um dos quatro Vice-Governadores expressou-se ao longo do dia, mostrando os esforços realizados em todos os continentes para que a Ordem se desenvolvesse, especialmente na América Latina e na vasta região Ásia-Pacífico.

No início da reunião de Outono do Grão-Magistério, a 11 de Novembro de 2025, na sede temporária da Ordem, perto da Piazza Cavour em Roma, nas suas palavras introdutórias, o Cardeal Fernando Filoni, Grão-Mestre, retomou o **discurso do Papa Leão XIV aos peregrinos da Ordem** que vieram a Roma para o Jubileu, indicando que este importante texto será um ponto de referência para os anos vindouros.

O Governador-Geral deu depois as boas-vindas a um novo membro do Grão-Magistério, Michael Byrne, Lugar-Tenente de Honra para Inglaterra e País de Gales, que, no final dos seus dois brilhantes mandatos à frente desta Lugar-Tenência, foi chamado a integrar

esta instância suprema que — como estipula o Artigo 8 dos Estatutos — “assiste o Cardeal Grão-Mestre na gestão da Ordem”.

O Governador-Geral salientou que a tragédia que atingiu a Terra Santa teve repercussões extraordinárias na **generosidade dos membros da Ordem**, cujas doações aumentaram, tanto sob a forma de contribuições ordinárias previstas pelos Estatutos como sob a forma de contribuições extraordinárias em resposta a apelos humanitários, assim como de donativos especiais e campanhas de angariação de fundos. “Durante este ano, ultrapassámos o envio total de **mais de 20 milhões de euros** para a Terra Santa”.

Entre as novas iniciativas lançadas pela Ordem, o Governador-Geral mencionou a **criação de uma Fundação da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém**, de direito italiano, constituída por acto notarial a 27 de Outubro de 2025. “Inspira-se nos princípios do Terceiro Sector para actividades de apoio a projectos da Ordem de

natureza económica e comercial, que era oportuno retirar da competência directa da Ordem por razões fiscais e de facilidade de gestão. Poderá exercer, com autonomia jurídica e sem fins lucrativos, actividades de natureza comercial, tais como a gestão do Museu, edição de publicações, promoção de actividades culturais, sociais e promocionais, organização de eventos caritativos e de representação”, acrescentou o Embaixador Visconti di Modrone.

Informou ainda a assembleia que “os trabalhos de reestruturação e restauro do **Palazzo della Rovere** começaram, após a aquisição laboriosa de todas as autorizações necessárias, e prosseguem em paralelo tanto para a parte do Museu, que será a primeira a ser concluída, como para a parte do hotel e dos escritórios, que deverá terminar em 2027”.

De acordo com a ordem de trabalhos, o Cardeal Pierbattista Pizzaballa falou durante esta reunião, em directo desde Jerusalém, agradecendo primeiro à Ordem, que pelo seu apoio fi-

nanceiro regular e estável, assim como pelas visitas e mensagens dos seus membros, proporciona segurança e serenidade à Igreja Católica Latina na Terra Santa, em nome da Santa Sé e da Igreja universal. Sobre a situação em Gaza, informou a criação de um **gabinete de apoio** (*Jerusalem Response Hub*) que se dedicará de forma específica e a longo prazo à população afetada deste território devastado. “Trata-se sobretudo de organizar e coordenar a ajuda”, indicou com realismo. Em Gaza, as prioridades identificadas dizem respeito à reconstrução das escolas, distribuição de medicamentos e criação de uma cantina para refeições enquanto se reconstrói a cidade e as casas, processo que levará anos. O Patriarcado pretende enfrentar estas urgências com apoio logístico e jurídico (*Response Hub*), visando a reconstrução e a retoma da actividade.

Quanto à Cisjordânia, onde cristãos e muçulmanos partilham a mesma angústia, face à asfixia que sofre a população local — sem trabalho nem recursos, confrontada com agressões contínuas de colonos israelitas —, o Patriarca alertou para a **ausência de peregrinos**, únicos capazes de reactivar a actividade económica das famílias cristãs palestinianas, especialmente em Belém.

O Patriarca sublinhou a importância de reforçar as actividades pastorais. Falou também das necessidades de **formação dos fiéis adultos**, que necessitam de assistência espiritual, um desafio decisivo para as próximas gerações, especial-

mente em Israel, por exemplo em Nazaré, devido à escassez de vocações religiosas. Para tal, mencionou a importância do ensino católico e salientou a necessidade de formação para os professores de religião, assim como o reconhecimento do seu mandato através da *missio canonica*.

O Tesoureiro Saverio Petrillo apresentou o orçamento pre-

Em Gaza, mais de 250 000 pessoas beneficiaram da ajuda de emergência financiada pela Ordem do Santo Sepulcro.

visto para 2026, com mais de 15 milhões de euros de receitas que, considerando os envios mensais ao Patriarcado Latino e as despesas da Ordem, prevê um excedente de 800 000 euros, suficiente para prosseguir a ajuda à Terra Santa.

Sami El-Yousef, administrador-geral do Patriarcado Latino, do seu escritório em Jerusalém, descreveu detalhadamente a situação local e as necessidades da comunidade cristã. Após traçar um panorama dos tristes efeitos da guerra na região, explicou como os **pedidos de ajuda humanitária quadruplicaram em 2025**, relativos a cuidados médicos para idosos com doenças crónicas, urgências médicas para pessoas sem acesso a seguro de saúde, pagamento de propinas

escolares, pedidos de jovens e mulheres para participar no programa de *Empowerment* e encontrar o seu lugar no mercado de trabalho.

Em Gaza, onde a ajuda de emergência mobilizou os serviços do Patriarcado, o número de beneficiários poderá ter ultrapassado as 250 000 pessoas. Desde o cessar-fogo, a atenção começou a focar-se na educação, habitação, criação de empregos e saúde.

Na Cisjordânia são criados empregos, mas em Jerusalém a prioridade é a ajuda social (vales alimentares, apoio financeiro, pagamento de rendas, água, electricidade e impostos municipais em atraso) bem como a criação de empregos através de trabalho diário na implementação de projectos, estágios de 3 a 6 meses e acções em prol do desenvolvimento de pequenas empresas.

O Patriarcado paga as propinas a muitas famílias, especialmente graças à **campanha das Lugar-Tenências norte-americanas para as escolas**, onde estão matriculados cerca de 19 000 alunos, dos quais aproximadamente 58% são cristãos. “Aliviar o desespero”, nas suas palavras, é a obra a que se dedica o Patriarcado, em Gaza e na Cisjordânia, procurando na Jordânia e em Israel consolidar o apoio pastoral aos cristãos, muitas vezes tentados a emigrar. **As actividades pastorais registaram um aumento significativo**: campos de verão, actividades estivais das capelanias juvenis e dos grupos escuteiros.

O Presidente da Comissão para a Terra Santa, Bart

McGettrick, relatou a visita à Jordânia dos membros da Comissão, sublinhando a **importância futura da reconstrução física e humana** das pessoas.

Os Vice-Governadores, Tom Pogge desde os Estados Unidos, John Secker através de relatório escrito, Jean-Pierre de Glutz e Enric Mas presencial-

mente, abordaram depois assuntos ainda em estudo interno, antes de apresentarem a sua perspectiva **sobre o desenvolvimento da Ordem conforme as áreas geográficas** de sua responsabilidade, evidenciando progressos notáveis em todo o lado, especialmente na América Latina, onde o Equador e o Chile poderão em breve ver surgir grupos de Cavaleiros e Damas.

Em conclusão do encontro, o Grão-Mestre anunciou a publicação de um livro sobre São Bartolo Longo, escrito por D. Tommaso Caputo, Arcebispo-Prelado de Pompeia e Assessor da Ordem.

A reunião dos Lugar-Tenentes norte-americanos

O Governador-Geral da Ordem, o Embaixador Leonardo Visconti di Modrone, reuniu-se com os Lugar-Tenentes da América do

Norte em Miami a 28 de Fevereiro de 2025. Nesta ocasião, declarou acreditar profundamente nestes encontros, que são uma fonte de inspiração

para novas ideias, e convidou todos os presentes a reforçar o diálogo e a troca de visitas.

Elogiou ainda as contribuições generosas de todos os



membros norte-americanos, sublinhando que “a caridade de um membro da Ordem caracteriza-se por um compromisso permanente com a Terra Santa, que deve ser como o amor de um pai pelos seus filhos, constante e quotidiano”. Falando sobre a universalidade da Ordem, o Governador-Geral mencionou os esforços feitos para expandir a sua presença na América Latina, Ásia

e África.

Referiu também a renovação do Palazzo della Rovere, que permitirá, através do aluguer do edifício, cobrir as despesas do Grão-Magistério, permitindo assim que a Ordem envie todas as contribuições recebidas para a Terra Santa. Quanto à situação atual em Gaza e na região em geral, o Embaixador Visconti di Modrone salientou que a natureza

apolítica da Ordem e o seu compromisso com a educação fazem dela um bom interlocutor num momento em que se procura reconciliação.

A próxima reunião dos Lugar-Tenentes norte-americanos está prevista para Green Bay em Junho de 2026, e a dos Lugar-Tenentes europeus, que não se realiza há vários anos, terá lugar em Pompeia em Outubro de 2026.

Visita do Governador-Geral na região Ásia-Pacífico

Longe geograficamente, mas muito próximos na missão e no espírito

O mês de Maio de 2025 terminou, para o Governador-Geral, o Embaixador Leonardo Visconti di Modrone, acompanhado pelo Padre Maxim Baz, com uma visita à região Ásia-Pacífico, que, embora distante dos escritórios do Grão-Magistério em Roma e da Terra Santa, é uma realidade muito próxima da missão e do espírito da Ordem, revelando-se muito ativa e em forte crescimento.

“Encontrei ali uma grande devoção e uma compreensão clara do que é a Ordem do Santo Sepulcro e da sua evolução nos últimos anos, especialmente”, declarou o Governador-Geral no seu regresso. “Todos os membros leram e aprofundaram os principais documentos recentemente publicados e estão actualizados,

curiosos por saber mais.”

Durante uma cerimónia evocativa realizada na residência episcopal de Penang, na Malásia — país asiático de maioria muçulmana —, o Cardeal Sebastian Francis foi investido Membro da Ordem do Santo Sepulcro pelo Arcebispo de Taipei e Grão-Prior da Lugar-tenência para Taiwan, D. Thomas Chung An-Zu. O Cardeal Francis foi depois nomeado Grão-Prior da Lugar-Tenência para Malásia-Penang.

A cerimónia, precedida pela Vigília de oração realizada no sábado, 24 de Maio, na presença do Núncio Apostólico, D. Wojciech Zaluski, decorreu no domingo, 25 de Maio, e contou com a participação de numerosos membros da Ordem vindos da Austrália e de Taiwan. Este evento representa a con-

clusão de um longo processo de preparação para a autonomia do que até então era uma Secção da Lugar-tenência para a Austrália Ocidental.

O Governador-Geral, Embaixador Leonardo Visconti di Modrone, esteve presente e transmitiu uma mensagem de felicitações à nova Lugar-tenência, da parte do Cardeal Grão-Mestre.

Após as cerimónias em Penang, o Governador-Geral deslocou-se à Austrália, onde a Ordem conta com cinco Lugar-tenências e celebra este ano os 40 anos de presença.

Antes de uma série de encontros entre o Governador-Geral e D. Timothy Costelloe, Arcebispo Metropolitano de Perth e Grão-Prior da Lugar-tenência para a Austrália Ocidental, com todos os Lugar-Te-



nentes presentes, realizou-se a Conferência Nacional dos Lugar-Tenentes Australianos no sábado, 31 de Maio, uma reunião periódica dos responsáveis da Ordem para esta área geográfica, alargada a outros representantes da Ásia e do Pacífico, com a presença dos Lugar-Tenentes da Nova Zelândia, Filipinas, Taiwan e Malásia-Penang.

O Governador-Geral transmitiu os cumprimentos do Grão-Mestre e do Grão-Magis-

O Governador-Geral na companhia de um grupo de membros da Ordem em Penang, na Malásia.

tério, e destacou, no seu discurso, as iniciativas reforçadas em favor da Terra Santa promovidas pela Ordem neste período particularmente trágico, assim como o compromisso de garantir um fluxo constante de fundos para o apoio humanitário e pastoral do Patriarcado Latino.

“Todo o sábado”, declarou

o Embaixador Visconti di Mordrone, “foi inteiramente dedicado à reflexão e à oração. Mais de uma centena de Cavaleiros e Damas juntaram-se aos Lugar-Tenentes. No dia seguinte, D. Costelloe, Arcebispo, celebrou a missa dominical da Solenidade da Ascensão na Catedral da Imaculada Conceição em Perth e, diante de uma igreja cheia, apresentou a Ordem a todos e partilhou a sua esperança de que muitos outros fiéis se juntem a ela”.

Barbiconi

1825



CAPAS – MEDALHAS – ACESSÓRIOS

BARBICONI SRL - Via Santa Caterina da Siena 58/60 00186 Roma

www.barbiconi.it info@barbiconi.it



@barbiconi

Comissão para a Terra Santa: relatório e reflexão

O Professor Bartholomew McGettrick faz um balanço das duas visitas realizadas em 2025 pela Comissão que preside, responsável por acompanhar a execução dos diversos projectos do Patriarcado Latino apoiados pela Ordem.



A Comissão para a Terra Santa actua em nome do Grão-Magistério da Ordem do Santo Sepulcro, com a missão de apoiar e reforçar a presença cristã na Terra Santa através da educação, assistência humanitária, pastoral e projectos culturais. Trabalha em estreita coordenação com o Patriarcado Latino de Jerusalém e outras instituições religiosas em Israel, Palestina, Jordânia e Chipre.

O trabalho da Comissão em 2025 decorreu num contexto

de dificuldades sem precedentes na Terra Santa. Enfrentou graves desafios relacionados, nomeadamente, com o conflito em Gaza e com a expansão dos "colonatos" na Cisjordânia. Estes colonatos exercem pressão, em particular, sobre as comunidades cristãs, incluindo escolas, paróquias e famílias vulneráveis. A economia na Palestina colapsou e a tentação de emigrar é real.

A Comissão considera vital uma mobilização presencial junto dos habitantes da Terra

Visita a uma escola do Patriarcado Latino de Jerusalém pelos membros da Comissão para a Terra Santa do Grão-Magistério.

Santa, que representa esperança e um espírito de solidariedade com os que mais necessitam. A Ordem não é uma entidade distante, mas parte da Igreja universal viva e, como tal, desenvolve a sua ligação com os que estão em maior necessidade.

Em 2025, havia mais pessoas do que nunca a lutar con-

tra o desemprego, a perda da habitação, problemas de saúde, solidão e outras fragilidades do espírito humano. Teria sido fácil ceder ao desespero e à impotência face aos acontecimentos. Contudo, a Comissão também viu esperança na vida daqueles apoiados pela Igreja,

paróquias, o seminário, centros juvenis e instituições comunitárias em Jerusalém, Belém, Ramallah e na Galileia. O trabalho de criação de emprego — especialmente para mulheres — é um sinal claro do apoio concreto que a Ordem proporciona na Terra Santa.



compreendendo que o desespero é um luxo do espírito ocidental. Mesmo nos momentos mais destrutivos e nas condições mais difíceis, o Senhor está sempre presente. Isto era particularmente evidente nas escolas, onde professores e sacerdotes levavam invariavelmente “a Boa Nova”.

Os membros da Comissão são testemunhas do trabalho da Ordem. Existe um profundo sentido de evangelização através da presença e do encontro com as pessoas onde estas se encontram.

Em Março de 2025, a Comissão para a Terra Santa realizou a sua visita semestral à Terra Santa, visitando escolas,

Reunião de trabalho com a equipa do Patriarcado Latino de Jerusalém, durante a qual os membros da Comissão para a Terra Santa do Grão-Magistério foram informados sobre os projectos futuros que a Ordem poderá apoiar.

Entre Setembro e início de Outubro de 2025, a visita concentrou-se mais especificamente nas necessidades dos cristãos na Jordânia. O número de católicos é reduzido (1,5% da população), mas os espíritos são fortes. Durante esta visita, a Comissão avaliou os projectos existentes supervisionados pelo Patriarcado Latino de Jerusalém, verificando os resultados dos projectos concluídos e identificando as necessidades

futuras. O trabalho da Igreja com os refugiados, com crianças com deficiência e com famílias sem recursos para pagar escolas públicas foi impressionante. A crescente notoriedade e o desenvolvimento das actividades da Universidade Americana de Madaba, o trabalho com os jovens, a atenção à educação de qualidade e às paróquias contribuem colectivamente para uma sociedade dinâmica conduzida pelo novo bispo da Jordânia, Mgr Iyad Twal.

Conclusão

Em 2025, a Comissão para a Terra Santa envolveu-se profundamente tanto na ajuda humanitária imediata como no apoio a longo prazo à vida cristã na Terra Santa. A educação continua a ser central: da melhor forma possível, para que as escolas funcionem, sejam seguras e resilientes (a «Campanha norte-americana» foi útil a esse respeito). Os trabalhos pastorais e de infra-estrutura ajudam à coesão comunitária. Mas os desafios são enormes: os conflitos, as dificuldades económicas e a emigração ameaçam a vitalidade das comunidades cristãs locais. A solidariedade da Ordem, que se apoia na sua rede de Lugar-Tenências, traz contribuições essenciais — mas o seu sucesso dependerá de um compromisso duradouro, da flexibilidade face à evolução das condições e da disponibilidade de recursos.

Bart McGettrick

Presidente da Comissão para a Terra Santa

«A Terra Santa não é apenas um lugar a apoiar, nem um problema a resolver: é uma fonte»



Entrevista com o cardeal Pierbattista Pizzaballa

Eminência, a situação de conflito na Terra Santa parece quase perpétua. Neste contexto, como continuar a acreditar que a paz possa surgir um dia sem parecer idealista ou ingênuo? Como pode a parábola de Jesus, «o bom grão e o joio crescem juntos» (Mateus 13:24-30), ajudar-nos a trabalhar pela paz, sabendo que o conflito é quase intrínseco, inerente às interações humanas na Terra Santa?

A presença do mal, a cizânia, só terminará com a segunda vinda de Cristo. Todos gostaríamos que o mal fosse vencido rapidamente, que desaparecesse da nossa vida. Mas isso não acontece. Sabemo-lo, mas devemos constantemente reaprender a viver com a consciência dolorosa de que o poder do mal continuará presente na vida do mundo e na nossa. É um mistério, duro e difícil, que faz parte da nossa realidade terrestre. Não se trata de resignação. Pelo contrário, é a tomada de consciência das dinâmicas da vida no mundo, sem fuga de qualquer espécie, mas sem me-

Grão-Prior da Ordem, o Patriarca latino de Jerusalém é frequentemente convidado a celebrar em eventos realizados nas Lugar-tenências de todos os continentes.

do, sem esconder nem partilhar de forma errada.

Não devemos, portanto, confundir paz com o desaparecimento do mal, o fim das guerras e de tudo aquilo que o mal, Satanás, instila no coração dos homens. Todos desejamos que esta situação de guerra e as suas consequências sobre a vida das nossas comunidades terminem rapidamente, e devemos fazer tudo ao nosso alcan-



O cardeal Pizzaballa em visita
pastoral a Gaza

ce para que isso aconteça, mas sem ilusões. O fim da guerra não significaria, contudo, o fim das hostilidades e da dor que causam. O desejo de vingança e a raiva continuariam a habitar muitos corações.

O mal que parece reinar no coração de muitas pessoas não parará; estará sempre activo, diria mesmo, criativo. Teremos de enfrentar ainda durante muito tempo as consequências desta guerra na vida das pessoas. Mas, neste contexto precisamente, acreditar na paz significa não servir o poder do mal,



mas continuar a cultivar a semente do Reino de Deus, isto é, semear uma semente de vida no mundo. Neste contexto de morte e destruição, queremos permanecer confiantes, unir-nos às muitas pessoas que ainda têm coragem de desejar o bem e criar com elas condições de cura e vida. O mal continuará a manifestar-se, mas seremos o lugar, a presença que o mal não pode vencer: a semente de vida, justamente.

Entre todos os nomes bíblicos atribuídos a Jerusalém, quais o inspiram mais face à situação actual? Pode comentá-los na perspectiva de

O Patriarca latino de Jerusalém levou a Gaza não só ajuda humanitária financiada pela Ordem, mas também apoio espiritual à pequena comunidade católica, frágil e corajosa, que se mostrou solidária com todos os outros habitantes em dificuldades.



uma esperança invencível?

Dois nomes tocam-me particularmente no contexto actual: «Cidade da Paz» (um dos significados etimológicos de Yerushalayim) e «Esposa» (ou «Noiva»), especialmente como descrita no Apocalipse, como a Es-

posa do Cordeiro.

«Cidade da Paz»: hoje, este nome parece um oxímoro doloroso, uma contradição *in terminis*. No entanto, permanece uma profecia, uma vocação ainda por cumprir. Recorda-nos que a paz não é apenas ausência de guerra, mas também plenitude de vida, reconciliação e justiça. Apesar das rupturas, este nome mantém viva a esperança de que Deus não abandonou o seu projecto para esta cidade.

“Esposa”: no Apocalipse, Jerusalém é também apresentada como uma esposa “enfeitada para o seu marido” (*Apocalipse*, 21:2). Esta imagem evoca intimidade, aliança e beleza desejadas por Deus. Hoje, Jerusalém está dilacerada, dividida, ferida, mas a imagem da esposa lembra que a sua verdadeira identidade vem do Alto, que é amada e aguardada. Esta visão permite não reduzir Jerusalém aos seus conflitos actuais, mas vê-la com os olhos da fé, como



uma realidade em transformação, chamada à comunhão. Estes nomes insuflam uma esperança invencível, pois ultrapassam a realidade visível e apontam para a promessa de Deus. Convidam a trabalhar, mesmo nas trevas, a fim de que estes nomes, a pouco e pouco, se tornem uma realidade viva.

A nova Jerusalém de que fala o Apocalipse é apresentada como a Esposa do Cordeiro (Rev 21,9). É possível discernir já sinais desta nova Jerusalém que desce do Céu na Jerusalém dilacerada de hoje, onde as comunidades quase não comunicam entre si? Quais são esses sinais escatológicos e, mais amplamente, como podemos, pelas nossas acções, acelerar a vinda da nova Jerusalém no coração deste mundo assolado pelo mal e pela violência?

Mesmo modestamente, é

possível discernir sinais da nova Jerusalém, a Esposa do Cordeiro, na Jerusalém dilacerada de hoje:

Presença de «curadores feridos»: pessoas – crentes de diferentes comunidades, trabalhadores humanitários, artesãos do diálogo – que, apesar das feridas do conflito, continuam a criar laços, a cuidar e a ouvir. Estas pessoas vivem já um tipo de relação inspirado pela nova Jerusalém, uma relação que não se deixa moldar pelo ódio, mas por um amor e esperança tenazes;

Lugares de “encontro frágil”: apesar da desconfiança, ainda existem espaços (igrejas, iniciativas locais, universidades) onde se realizam encontros inter-religiosos ou intercomunitários. Estes lugares são

O Patriarca latino de Jerusalém com os sacerdotes e os acólitos da paróquia de Gaza, após o bombardeamento da igreja da Sagrada Família.

como os murmúrios da cidade aberta descrita no Apocalipse, onde as portas não estão fechadas;

A coragem profética de alguns líderes religiosos: quando vozes – mesmo isoladas – rejeitam a linguagem do ódio e apelam à compaixão por todas as vítimas, à justiça para todos, testemunham a luz do Cordeiro que ilumina a cidade.

Como podemos, pelas nossas acções, acelerar o advento da nova Jerusalém no coração deste mundo afligido pelo mal e pela violência? Sendo «artesãos de paz» na vida quotidiana, nas nossas palavras e nos nossos gestos. Praticando a escuta profética: ouvindo não apenas a nossa própria comunidade, mas também o sofrimento e as aspirações do outro. Investindo na educação para a paz desde a tenra idade, para quebrar ciclos de violência.

Aprender uma nova linguagem para falar da paz na Terra Santa poderia passar por que meios, na sua opinião?

Deve-se passar de uma linguagem exclusiva para uma inclusiva: em vez de usar apenas palavras do próprio relato, procurar um vocabulário que reconheça as realidades e feridas de ambas as partes, sem negá-las. Recusar uma linguagem desumanizadora e promover uma linguagem inclusiva, que reconheça o sofrimento do outro. Purificar a memória: reconhecer sofrimentos infligidos e recebidos, nomeando-os com verdade, mas sem deixar que o rancor tenha a última palavra. Uma linguagem de paz deve



integrar verdade, justiça e perdão – não como alternativas, mas como dimensões complementares. Formar líderes religiosos e meios de comunicação: desempenham um papel crucial na orientação do discurso público para a esperança, não para o medo ou ódio. Praticar uma linguagem encarnada: palavras que criem proximidade, conforto e abram horizontes. Diante das imagens de sofrimento, deve responder-se com palavras e imagens de esperança. Favorecer espaços de diálogo narrativo, onde israelitas e palestinianos partilhem os seus relatos, não para convencer, mas para serem ouvidos. Isso permitirá ultrapassar estereótipos e recriar a empatia.

Qual é o seu segredo para resistir no meio dos dramas vividos pelo seu povo em Gaza e na Cisjordânia ocupada?

Não falaria em segredo, mas sim em enraizamento. O que permite resistir é a fidelidade diária: permanecer, física e espiritualmente, sem fugir da realidade, mas também, sem se deixar dominar por ela. A Terra Santa exige uma fé despida. Não se pode refugiar na abstracção: cada dia somos confrontados com o sofrimento concreto, face a rostos, a nomes, a histórias. Isso exige uma oração sóbria, por vezes silenciosa, que não procura explicar Deus, mas colocar-se diante Dele.

Há também a certeza de que a Igreja não é chamada a «ter sucesso» pelos critérios do mundo, mas a permanecer. Resistir é aceitar não ter soluções imediatas, mas também recusar

o desespero. No fim, é o próprio povo – a sua dignidade, capacidade de resistência e fé humilde – que sustenta o pastor, e não o contrário.

Agências que ajudam pontualmente a Terra Santa aproveitam-se por vezes para publicidade. A Ordem do Santo Sepulcro, da qual é Grão-Prior, actua de forma muito discreta, apoiando regularmente o Patriarcado Latino pelos seus 30 000 membros repartidos por todos os continentes. Diria que a Ordem do Santo Sepulcro e o Patriarcado Latino formam uma mesma família? Como é que esta ligação profunda, ousaria dizer “visceral”, se manifesta na vida da diocese de Jerusalém que tem a seu cargo?

Sim, pode-se falar de uma família, visto de uma perspectiva orgânica. A Ordem não se coloca ao lado do Patriarcado como benfeitor externo; partilha a sua vida, fragilidades e missão. Este vínculo manifesta-se sobretudo pela fidelidade no tempo. O apoio da Ordem não é ocasional nem condicionado pela urgência mediática: é regular, discreto, enraizado numa profunda comunhão eclesial.

Concretamente, isso significa apoiar o essencial: as escolas, as paróquias, a formação de seminaristas, a presença pastoral ali, onde esta seria humanamente impossível. Mas, acima de tudo, a Ordem oferece ao Patriarcado algo precioso: o sentimento de não estar sozinho, de ter uma missão universal. Esta solidariedade silenciosa é uma

forma de caridade que se inspira muito no Evangelho.

Todos querem «ajudar» a Terra Santa, mas não deveríamos, de uma vez por todas, mudar de perspectiva e compreender que temos antes de tudo de acolher humildemente um tesouro da Igreja Mãe de Jerusalém? Como poderemos favorecer essa mudança de olhar, segundo a sua opinião, e qual é o tesouro e onde se encontra?

Essa mudança de olhar é de facto fundamental. A Terra Santa não é apenas um lugar a apoiar, nem um problema a resolver: é uma fonte. A Igreja de Jerusalém não é apenas uma Igreja «pobre» em meios; é uma Igreja rica de uma memória viva do Evangelho.

O tesouro está numa fé encarnada, marcada pela paciência, coexistência, a cruz assumida sem ideologia. É uma Igreja que vive o Evangelho sem protecção, muitas vezes sem reconhecimento, mas com uma grande autenticidade. Promover esta mudança de perspectiva pressupõe, antes de mais ouvir as comunidades locais, os seus relatos, as suas feridas a sua esperança. É preciso passar de uma lógica de projecto para uma lógica de comunhão.

Receber de Jerusalém significa aceitar que a fé cristã nasce na fragilidade que nunca se confunde com o poder e que se transmite sobretudo através da fidelidade na provação. É aí que está o verdadeiro tesouro.

**Entrevista conduzida por
François Vayne**

A SOLIDARIEDADE CONCRETA DA ORDEM PARA

Balanço 2025 da ajuda humanitária de emergência,
dos projectos específicos e do apoio à educação

A AJUDA HUMANITÁRIA DE EMERGÊNCIA

A escalada do conflito iniciada em Outubro de 2023 gerou uma série de atrocidades desumanas: massacres de civis inocentes, taxas de desemprego extremamente elevadas, deslocações massivas, deterioração das condições sanitárias e nutricionais, graves restrições de acesso a recursos essenciais como alimentação, água e cuidados de saúde, bem como fortes limitações à mobilidade. Neste contexto dramático, o Patriarcado Latino de Jerusalém lançou um apelo de emergência para fazer face a estas dificuldades e, com o apoio da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, conseguiu intensificar o seu empenho, traduzindo a fé em acção

coordenada para preservar a vida e manter a coesão das comunidades.

Entre 2024 e 2025, os membros da Ordem em todo o mundo contribuíram com mais de 2,9 milhões de dólares para a ajuda humanitária de emergência aos seus irmãos e irmãs na Terra Santa.

Este artigo apresenta as intervenções realizadas entre o final de 2024 e todo o ano de 2025 em Gaza, na Cisjordânia, em Jerusalém-Oriental, bem como junto das comunidades de migrantes deslocados, demonstrando o empenho da Igreja em servir as pessoas mais vulneráveis e marginalizadas.



A PARÓQUIA DE GAZA TRANSFORMADA EM REFÚGIO

Seis comitês de emergência especializados para fazer face às consequências da guerra

A resiliência tornou-se possível entre A os paroquianos de Gaza graças à ajuda de numerosos Cavaleiros e Damas que responderam generosamente ao apelo de ajuda de emergência durante o contexto dramático de uma guerra que causou a morte de 72.134 palestinianos.

Desde Outubro de 2023, a Igreja da Sagrada Família transformou-se em refúgio de emergência, demonstrando como a compaixão pode prevalecer mesmo no coração da devastação da guerra.

O contexto em Gaza apresentou desafios de extrema gravidade: ameaças de segurança constantes e imprevisíveis, saques organizados por multidões que atacavam os comboios humanitários e se apoderavam de suprimentos desesperadamente necessários antes que estes chegassem às pessoas que os aguardavam; até ao encerramento da fronteira, transformada num verdadeiro estrangulamento da dor, deixando a ajuda bloqueada enquanto a população permanecia sem recursos...

Quando finalmente chegavam os carregamentos, os frutos e legumes frescos frequentemente apodrecidos pelo calor, transformando os suprimentos vitais em desperdícios inutilizáveis.

É também importante salientar os problemas relacionados com a grave escassez de alimentos, água, combustível, medicamentos e materiais de construção, que obrigavam as pessoas a esforços constantes de soluções criativas e a racionamentos rigorosos que nunca pareciam suficientes, sem contar com as infraestruturas danificadas, tornando a manutenção numa luta diária contra a degradação.

Manter a compaixão, a esperança e a eficácia operacional sob uma pressão



A paróquia católica de Gaza recebeu muita ajuda durante a guerra, que os fiéis partilharam com os vizinhos ortodoxos e muçulmanos.





O cardeal Pizzaballa no meio dos voluntários encarregados de distribuir a ajuda de emergência à população de Gaza.

emocional incessante exigia reservas de resiliência aparentemente impossíveis de sustentar; e, no entanto, de alguma forma, os responsáveis e membros da paróquia conseguiram, pouco a pouco, dia após dia, graças à participação de cada um e de todos.

Durante mais de duas décadas de tragédia, os espaços da Igreja da Sagrada Família de Gaza foram reorganizados para permitir a gestão da emergência.

Alguns foram usados como armazéns, permitindo o armazenamento e distribuição de alimentos, cobertores e bens essenciais, enquanto um centro de distribuição especializado expandiu a ajuda para além dos muros da igreja, servindo também as comunidades das zonas vizinhas.

Foram preparadas diariamente refeições numa cozinha funcional e, na padaria adjacente, equipada com fornos a gás e a lenha, produzia-se pão fresco todos os dias. Um pequeno aviário forneceu ovos aos residentes da comunidade.

No espaço em redor da igreja, foi escavado um poço e foram instalados reservatórios para armazenar água, permitindo a criação de lavandarias com múltiplos postos de lavagem.

Dia após dia, o padre Romanelli, pároco da Sagrada Família em Gaza, conseguiu — com a sua equipa — promover a resiliência de uma população submetida a pressão emocional incessante.

Painéis solares asseguraram a iluminação e o funcionamento dos equipamentos elétricos, essenciais sobretudo para os idosos e para o dispensário.

Um dispensário médico e uma farmácia fun-





O poço da comunidade paroquial foi vital durante o longo período de guerra.

cionaram no local, garantindo consultas, exames e fornecimento de medicamentos tanto para os residentes do refúgio como para os membros das comunidades circundantes. Quando os sistemas hospitalares estavam saturados ou danificados, quando o transporte para as estruturas de saúde se tornava perigoso ou impossível, ou quando os stocks de medicamentos diminuía drasticamente, a clínica da igreja manteve-se aberta.

Câmaras de segurança permaneceram activas para proteger pessoas e bens, enquanto as redes de internet continuaram a funcionar, permitindo à comunidade manter contacto com os membros distantes das suas famílias.

Salas de aula improvisadas permitiram às crianças continuar a sua escolaridade.

Para todas estas actividades, foram criados seis comités de emergência especializados, cada um responsável por aspectos operacionais fundamentais: gestão diária e coordenação, armazéns e logística de fornecimentos, planeamento e preparação de refeições, sistemas eléctricos e energéticos, manutenção das estruturas e relações com o

exterior.

De 15 postos de trabalho no início de 2024, a pouco a pouco, **200 pessoas estavam empregadas** na Igreja da Sagrada Família em 2025. Agentes de segurança, operadores de sistemas hidráulicos, técnicos das lavandarias, pessoal da cozinha e padaria, trabalhadores agrícolas, coordenadores de actividades para a infância, equipas de manutenção: cada função respondia às necessidades operacionais e proporcionava rendimento às famílias que haviam perdido todos os meios de subsistência.

Foram também oferecidas oportunidades de emprego aos membros da comunidade do refúgio das Irmãs da Caridade, envolvidos nos cuidados às crianças, aos idosos e às pessoas com deficiência.

Para o futuro, as prioridades do Patriarcado Latino de Jerusalém são a reconstrução das casas e infraestruturas destruídas, bem como o reforço do complexo da Igreja da Sagrada Família como centro de resiliência.

Os objectivos concretos para os próximos meses são os de ajudar as pessoas a retomar a sua vida: fornecendo habitação, reabrindo pelo menos mais uma escola e garantindo cuidados médicos. Os investimentos continuarão na educação, no apoio psicológico e em programas de criação de emprego para devolver estabilidade e dignidade às famílias traumatizadas.



Uma cozinha transformada em sala de aula na paróquia da Sagrada Família.

CISJORDANIA e JERUSALEM EST

VALES ALIMENTARES, SUPRIMENTOS INFANTIS E AJUDA PARA ENFRENTAR O INVERNO

Em Jerusalém e na Cisjordânia, foram distribuídos **5600 vales alimentares**, proporcionando apoio crucial às famílias em dificuldade. Esta iniciativa também ajudou a preservar as actividades dos comércio locais afetados pelo declínio económico.

Foi igualmente fornecido apoio para atender às necessidades específicas de bebés e crianças pequenas, através da distribuição de fraldas, leite infantil, roupas e cobertores. Ao longo de 2025, mais de **3000 crianças** na Cisjordânia e em Jerusalém beneficiaram desta ajuda.

Além disso, roupas quentes, calçado, cobertores e aquecedores foram distribuídos às populações mais vulneráveis confrontadas com as rigorosas condições de inverno, a mais de **6000 pessoas** em 2025.

ASSISTÊNCIA MÉDICA PARA FAMÍLIAS NECESSITADAS

Na Terra Santa, o acesso aos cuidados de saúde varia segundo regiões e populações. Os residentes com cartão de identidade de Jerusalém beneficiam de cobertura médica completa graças ao sistema de saúde israelita, que oferece acesso a estruturas médicas avançadas e tratamentos subsidiados.

A situação é diferente na Cisjordânia, onde o seguro de saúde é principalmente reservado a quem trabalha para instituições governamentais ou organizações internacionais, deixando muitos palestinianos sem cobertura sanitária adequada e obrigando-os a custos elevados para serviços médicos essenciais e medicamentos.

Neste contexto, o Patriarcado Latino de Jerusalém, também com o apoio dos Cavaleiros e Damas da Or-

dem do Santo Sepulcro, pôde lançar, em 2025, uma iniciativa a favor de cristãos em dificuldades económicas, ajudando mais de **2000 pessoas**.

Os beneficiários incluíram pacientes com doenças crónicas (como problemas cardíacos, cancro, doenças renais, etc.), problemas de visão ou audição (necessitando de dispositivos específicos), dificuldades respiratórias, problemas de mobilidade (necessitando de cadeiras de rodas ou andarilhos), pessoas que precisavam de monitorização vital diária, assim como pacientes acamados necessitando de colchões médicos. A prioridade foi dada a idosos, famílias com crianças com doenças crónicas e a pessoas com deficiência.

CRIAÇÃO DE EMPREGO PARA TRABALHADORES

Como se sabe, as consequências dos acontecimentos desde Outubro de 2023 criaram graves dificuldades de emprego para os trabalhadores palestinianos. A guerra provocou despedimentos massivos de palestinianos empregados em Israel, suspensão de licenças de trabalho para trabalhadores e residentes da Cisjordânia e mobilidade fortemente limitada, gerando dificuldades económicas para famílias cristãs da região.

Parte das contribuições das Lugartenências da Ordem do Santo Sepulcro ajudou o Patriarcado Latino a criar oportunidades imediatas de emprego e a aliviar as dificuldades financeiras das famílias afectadas pelo conflito e pela perda subsequente dos seus meios de subsistência. Mais de **4000 oportunidades de emprego** foram oferecidas através de programas de «cash-for-work» e de estágios subsidiados.

Graças a esta iniciativa, trabalhadores qualificados da Cisjordânia foram contratados por dia e receberam



Postos de trabalho criados com a ajuda da Ordem.

Os migrantes e requerentes de asilo constituem uma parte importante da comunidade católica na Terra Santa.

salário. Alguns, especializados em infraestruturas e manutenção, executaram principalmente trabalhos civis, elétricos e mecânicos, enquanto outros apoiaram serviços comunitários.

Esta iniciativa teve impacto positivo não só nos trabalhadores envolvidos, mas também nas suas famílias e na comunidade, preservando competências profissionais, evitando a perda de talentos e mantendo uma base de sabedoria local útil para a recuperação e desenvolvimento futuro.

MIGRANTES E REQUERENTES DE ASILO

Devido às hostilidades persistentes nas regiões norte e sul de Israel, muitas famílias cristãs migrantes foram forçadas a se deslocar. Consciente das dificuldades profundas destas comunidades vulneráveis, o Patriarcado Latino ofereceu-lhes habitação em zonas mais seguras, bem como segurança alimentar.



PROJECTOS ESPECÍFICOS

Todos os anos, os membros da Ordem do Santo Sepulcro de todo o mundo contribuem com grande generosidade para apoiar os cristãos da Terra Santa. Fazem-no através do Grão-Magistério, que atribui mensalmente uma contribuição financeira regular ao Patriarcado Latino de Jerusalém para despesas institucionais, educação, funcionamento do seminário de Beit Jala, actividades pastorais e ajuda humanitária para cristãos em dificuldade ou marginalizados.

A isto somam-se as contribuições para a Universidade de Belém e para os projectos

anuais da Reunião das Obras de Ajuda às Igrejas Orientais (ROACO), ligados ao Dicastério para as Igrejas Orientais.

Além disso, as Lugar-tenências e as Delegações Magistrais, sempre através do Grão-Magistério, podem optar por financiar projectos específicos propostos anualmente pelo Patriarcado, que melhoram a vida dos habitantes da Terra Santa.

A seguir apresentamos um resumo dos resultados dos projectos específicos concluídos em 2025, dedicados à renovação de espaços de vida e de oração do Patriarcado Latino.

PALESTINA

■ BEIT SAHOUR

RENOVAÇÕES NA PARÓQUIA

Em Beit Sahour, onde segundo a tradição os pastores ouviram os anjos na véspera de Natal, foi implementado um projecto destinado a criar estruturas modernas capazes de responder eficazmente às diversas necessidades educativas, sociais e culturais de uma comunidade em crescimento. Uma instalação fotovoltaica foi instalada nos telhados do presbitério, da sala paroquial e da escola, reduzindo significativamente a dependência do edifício da rede eléctrica convencional e promovendo, sempre que possível, soluções energéticas sustentáveis pelo uso



de fontes de energia renovável.

O projecto, realizado com uma contribuição de cerca de **44 000 dólares** dos Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro, beneficia o pároco, os **413 alunos** da escola de Beit Sahour e toda a comunidade paroquial.

■ TAYBEH

MELHORAMENTOS NA CASA DE REPOUSO BEIT AFRAM

Em 2019, o edifício da casa de repouso Beit Afram, em Taybeh, recebeu um aviso da municipalidade, solicitando à Direcção que se adaptasse às normas de segurança estabelecidas pela Defesa Civil Palestina. Estas incluíam segurança contra incêndios, procedimentos de evacuação adequados, um sistema completo de chamada de enfermeiros e cobertura de seguro apropriada.

Em resposta, com uma contribuição superior a **65 000 dólares** dos Cavaleiros e Damas da Ordem, o Patriarcado Latino de Jerusalém concluiu em 2025 o projecto de melhoria da segurança geral da casa, complementando o projecto de reabilitação iniciado em 2021.

Outra intervenção na Beit Afram consistiu na substituição completa dos antigos sistemas de ar condicionado e de fluxo de refrigerante variável em toda a casa. O projecto incluiu melhorias civis, mecânicas e elétricas significativas, necessárias para acolher a nova infraestrutura moderna, garantindo mínima perturbação das actividades da instituição. Com uma contribuição superior a **95 000 dólares** dos Cavaleiros e Damas da Ordem, estes trabalhos

O salão das Irmãs do Rosário é um espaço comunitário essencial para troca e descanso das religiosas, ocupadas durante todo o dia em actividades missionárias.

realizados em 2025 proporcionaram melhor qualidade de vida aos residentes e ao pessoal da casa.

RENOVAÇÃO DA RESIDÊNCIA DAS IRMÃS DO ROSÁRIO

A residência das Irmãs do Rosário, também em Taybeh, encontrava-se degradada após anos sem renovação adequada. Antes da intervenção, a instalação sofria de ausência de infraestruturas de tecto correctas, casas de banho obsoletas, isolamento insuficiente que gerava ineficiência energética, sistemas elétricos contrários às normas e acabamentos interiores deteriorados.

O projecto permitiu corrigir deficiências críticas, com foco na modernização das casas de banho e melhoria geral da habitabilidade. Todas as obras foram realizadas segundo normas de construção modernas, preservando a integridade arquitectónica da residência religiosa.

Graças às contribuições dos Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro, os trabalhos, quase **20 000 dólares** – iniciados em 2023 e concluídos em abril de 2025 – transformaram a instalação antiga num espaço de vida confortável, eficiente e moderno, respeitando a vocação religiosa. As melhorias (isolamento, sistemas mecânicos e acabamentos interiores) aumentaram significativamente a qualidade de vida das irmãs, reduzindo os custos de exploração, fruto da melhoria da eficiência do espaço.



■ AMÃ

INTERVENÇÃO NO CENTRO
NOSSA SENHORA DA PAZ

No Our Lady of Peace Center (OLOPC), um dos dois projectos concluídos em 2025 consistiu na substituição de próteses e ortóteses antigas por dispositivos modernos e eficientes, na introdução de tecnologias em silicone, no apoio à formação prática de estudantes universitários na área de próteses e ortóteses, e na redução de custos de manutenção e consumo de recursos através da modernização do equipamento.

Incluiu a aquisição de máquinas avançadas para fabrico de próteses e ortóteses, instrumentos e equipamentos em silicone, instalação, calibração e formação do pessoal. Com um donativo superior a **84 000 dólares** dos Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro de Jerusalém, o projecto decorreu entre Setembro de 2024 e Julho de 2025, beneficiando crianças com paralisia cerebral (**150 por ano em Amã, Zarqa, Anjara e Mafraq**) e amputados (por patologias congénitas, acidentes, ferimentos de guerra, diabetes ou cancro).

O outro projecto concluído em 2025 no Centro focou-se na segurança da estrutura. Foram realizadas obras civis, mecânicas e elétricas, reforçando a segurança global da instituição. Com uma contribuição superior a **68 000 dólares** por parte dos Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro de Jerusalém, trabalhos iniciados em 2023 e concluídos em Março de 2025 beneficiaram **644 crianças** com deficiência atendidas no centro bem como **20 membros do pessoal** que aí trabalha, beneficiando-os com um espaço mais seguro.



O laboratório de próteses, destinado a pessoas amputadas, foi totalmente modernizado.

■ IRBID

TRABALHOS DE ISOLAMENTO E RENOVAÇÃO
DO TELHADO E PAREDES DA IGREJA LATINA

Na paróquia latina de São Jorge Mártir, em Irbid, próxima da fronteira síria, o telhado da igreja deteriorou-se ao longo dos anos, causando infiltrações e danos consequentes no interior do edifício.

Uma intervenção de renovação tornou-se necessária. Iniciados em Novembro de 2025 e concluídos em Dezembro do mesmo ano, os trabalhos incluíram substituição completa da cobertura do tecto bem como o isolamento térmico do edifício. Graças a estas intervenções, tornadas possíveis por uma contribuição superior a **60 000 dólares** por parte de membros da Ordem, cerca de **2000 fiéis** da igreja de São Jorge podem continuar a participar em atividades pastorais, caritativas e educativas num ambiente seguro.

■ BEERSHEBA

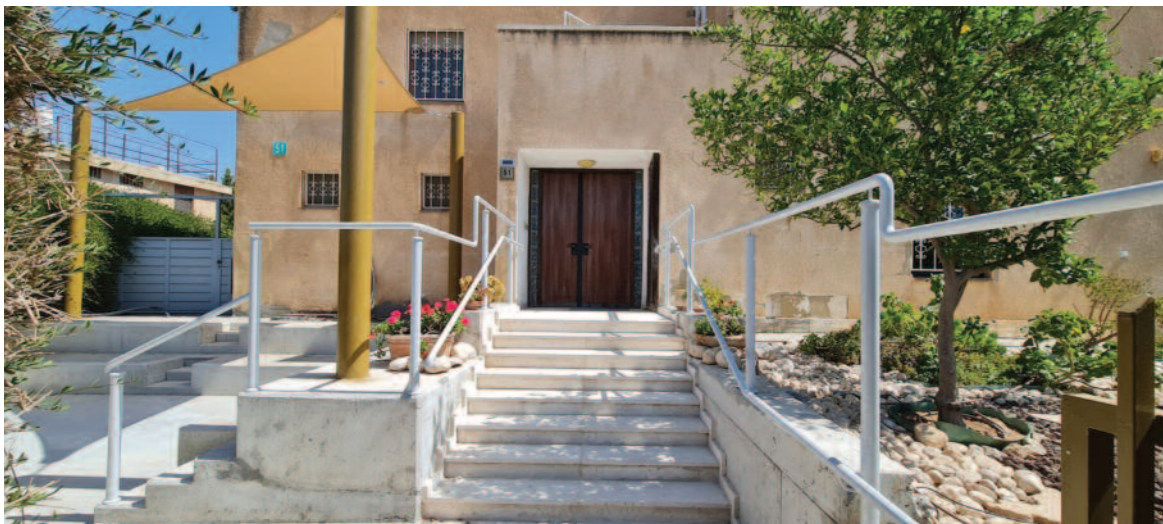
CRIAÇÃO DE ESPAÇO PARA GRUPOS DE PEREGRINOS

A casa paroquial da paróquia católica de Santo Abraão, em Beer-Sheva, sul de Israel, tornou-se demasiado pequena para acolher o número crescente de peregrinos que visitam a igreja, participam na missa ou encontram cristãos locais.

Com grupos de menos de 30 pessoas ainda a serem recebidos nos espaços existentes, grupos maiores enfrentavam limitações de espaço.

Com uma contribuição superior a **67 000 dólares** dos membros da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, o projecto transformou a zona de jardim inutilizada, junto à entrada da igreja, num espaço exterior em diferentes níveis para encontros e reuniões.

O projecto, iniciado em Abril de 2022 e concluído em Julho de 2025, criou um espaço de acolhimento para peregrinos, integrado na arquitetura existente da igreja, oferecendo instalações modernas para grandes grupos. Foram criadas várias esplanadas em betão ligadas por degraus de pedra, com áreas de assento até **65 pessoas**, adequadas a apresentações, celebrações da missa e diálogo.



A ACÇÃO DA ORDEM A FAVOR DA EDUCAÇÃO NO TERRITÓRIO DO PATRIARCADO LATINO DE JERUSALÉM

■ TAYBEH

RENOVAÇÕES NUMA ESCOLA

Em Taybeh, último povoado 100 % cristão da Palestina, nos terrenos de uma das duas escolas do Patriarcado Latino, os espaços dos recreios deterioraram-se, provocando acidentes e ferimentos nas crianças, preocupando pais, pro-

fessores e administradores.

Com o apoio dos Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro, o espaço foi transformado numa área de lazer moderna e polivalente, com superfícies de absorção de impactos, zonas para diferentes grupos etários, estruturas de jogos inovadoras, drenagem para evitar acumulação de água, iluminação para atividades nocturnas e cercas de protecção.

As obras, iniciadas em Novembro de 2023 com uma contribuição superior a **74 000 dólares**, terminaram em Fevereiro de 2025. Beneficiaram os quase **400 alunos** da escola e da pré-primária, bem como jovens e paroquianos, oferecendo um espaço seguro para atividades sociais e desportivas.

A escola funciona como centro comunitário, acolhendo eventos culturais e festivais, programas de escuteiros, encontros religiosos, torneios desportivos, actividades recreativas familiares, programas de desenvolvimento juvenil e oficinas educativas.

■ RAMALLAH

CONSTRUÇÃO DE SALA POLIVALENTE E INSTALAÇÕES EDUCATIVAS NA AHLIYEH COLLEGE SCHOOL

Na Ahliyah College School de Ramallah, no centro da Cisjordânia, no âmbito da melhoria das capacidades tecnológicas e das infra-estruturas físicas, do reforço dos recursos humanos e das competências educativas, o Patriarcado Latino de Jerusalém identificou a necessidade de construir uma sala polivalente com 240 metros quadrados num terreno já propriedade do Patriarcado Latino de Jerusalém.

O projecto, lançado no final de 2023 graças a uma contribuição de cerca de **177 000 dólares** por parte da Ordem do Santo Sepulcro, foi concluído em Fevereiro de 2025, permitindo disponibilizar um espaço moderno e flexível onde **615 alunos** e **47 professores** podem participar em atividades académicas e extracurriculares.

O centro inclui: uma sala de formação destinada a atividades de desenvolvimento profissional dos professores; uma sala de formação secundária para sessões em pequenos grupos; uma sala de convívio e uma área de restauração adaptada aos participantes; instalações anexas que incluem uma *kitchenette*, uma sala de servidores e instalações sanitárias.

Além disso, este novo espaço representa um investimento que terá um impacto positivo no orçamento da escola, uma vez que a nova sala poderá igualmente ser arrendada para workshops e eventos.

* * *

Durante a crise, a assistência educativa tornou-se fonte fundamental de estabilidade e esperança para **5 000 alunos** em Jerusalém, Cisjordânia e Jordânia. O apoio incluiu a **atribuição de bolsas de estudo, ajuda no pagamento de propinas e distribuição de material escolar.**

* * *

Após a guerra de Outubro de 2023, uma **campanha extraordinária de angariação de fundos, aprovada pelo Grão-Magistério e dedicada à educação nas 44 escolas do Patriarcado Latino de Jerusalém**, foi lançada pelas Lugar-tenências da América do Norte, sob o título *Ensuring the Future*.

O objectivo foi apoiar propinas e salários de professores durante a crise económica provocada pelo conflito, bem como reconstruir, renovar e modernizar escolas, adaptando os edifícios às normas educativas modernas. Enquanto aguardavam intervenção em Gaza, **22 projectos** de renovação foram concluídos em **19 escolas da Jordânia e Palestina**, melhorando o ambiente educativo e reforçando infraestruturas e recursos essenciais, criando espaços mais seguros e favoráveis ao ensino e aprendizagem.

A assistência educativa é uma fonte fundamental de estabilidade e esperança para milhares de alunos.



A construção da Igreja do Baptismo de Jesus suportada por um Cavaleiro jordano da Ordem

Empresário jordano próspero e experiente em diversos sectores (da arquitetura à hotelaria, do têxtil à banca), o Cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro Nadim Yusuf Muasher foi o principal doador que permitiu reunir os fundos necessários para a construção da Igreja do Baptismo de Jesus em Betânia, além do Jordão (al-Maghtas).

A família Muasher tem uma longa tradição de apoio à Igreja da Terra Santa. O pai de Nadim tinha contribuído para a construção da Igreja de São José em Jabal Amman, e Nadim tem apoiado há muito as Irmãs do Rosário, ajudando-as a satisfazer as suas diversas necessidades. Mas a decisão de contribuir financeiramente para a construção desta igreja teve infelizmente a sua origem numa tragédia pessoal.

“Há vinte anos, perdemos o nosso filho num acidente de viação. Tinha 17 anos”, disse Nadim. «Íamos para um casamento, ele estava num carro com amigos e nós estávamos atrás noutro carro. Quando vimos o acidente e percebi que a pessoa que tiravam do carro era o meu filho, foi um trauma que nenhuma palavra consegue traduzir. Foi um período trágico”, prossegue Nadim

emocionado, «e, como família, aprendemos a crescer na fé, a aceitar o que aconteceu e a confiar na vontade de Deus. Comecei a perguntar-me se o porquê não estaria no lugar onde o meu filho morreu».

Tratava-se do cruzamento que leva ao local do Baptismo de Cristo, onde hoje se ergue com elegância a igreja, consagrada a 10 de Janeiro de 2025 numa missa inaugural presidida pelo cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado do Vaticano, e concelebrada pelo cardeal Pierbattista Pizzaballa, Patriarca Latino de Jerusalém e Grão-Prior da Ordem.

«Em 1995, João Paulo II anunciou que este era um lugar sagrado e de peregrinação, e em 2002, quando introduziu os Mistérios Luminosos do Rosário, o baptismo de Jesus no Jordão foi o primeiro a ser evocado. Após a morte do meu filho, senti na oração que a terra



Nadim Yusuf Muasher, Cavaleiro na Jordânia, financiou generosamente a Igreja do Baptismo de Jesus em Betânia.

queria que eu construísse algo neste lugar: há uma mensagem especial neste sítio que só precisava de ser iluminada, e comecei a trabalhar no projecto, enquanto arquitecto», explica Nadim.

Imerso em leituras e oração, Nadim elaborou uma proposta em forma de cruz, com a igreja ao centro e dois mosteiros, um para mulheres e outro para ho-



mens, «para que não fosse apenas um lugar de visita, mas um lugar onde se possa rezar e sentir-se acompanhado por uma comunidade de oração», diz ele. O altar principal é dedicado ao Baptismo, primeiro Mistério Luminoso, e os outros Mistérios Luminosos são evocados nas capelas adjacentes. O tema da luz guia espiritualmente e fisicamente os passos dos fiéis.

Por ocasião da consagração da Igreja e da missa inaugural, o Secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, lembrou que neste mesmo lugar, um dos mais baixos da terra onde «toda a dor dos conflitos, da inumanidade e do pecado» se faz sentir, «o céu se abriu» e «o dom da paz, a verdadeira paz, que nasce nos corações e se espalha por todo o tecido social» é invocado.

É esta paz, este céu aberto, que toca o coração de Nadim e da sua família. Nadim teve a



O cardeal Pietro Parolin inaugurou a Igreja do Baptismo de Jesus construída na Jordânia

alegria de ser investido Cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro há vários anos, e o seu compromisso em apoiar as pedras vivas da Terra Santa é evidente; o seu trabalho em nome da Igreja do Baptismo de Jesus faz parte de uma tradição familiar e pessoal.

«Para mim, ser Cavaleiro da Ordem está ligado ao compromisso de fazer o bem, e a bon-

dade não é sinónimo de perfeição, mas de começar a agir com amor. Aqui na Jordânia, somos um pequeno grupo de membros da Ordem e pedi-ram-me para liderar os encontros, o que farei durante um ano antes de deixar essa responsabilidade a outra pessoa. É a nossa igreja e a nossa comunidade, e somos chamados a cuidar dela: na Ordem, é bom poder fazer isso não como indivíduos, mas como grupo».

Elena Dini

Mudanças nas Lugar-tenências da Ordem

O Cardeal Grão-Mestre, de acordo com o Governador Geral e após consulta à Presidência do Grão-Magistério, em conformidade com o Artº. 26 dos Estatutos, nomeou novos responsáveis das Lugar-tenências. A Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém tem o prazer de anunciar várias mudanças em diferentes zonas geográficas entre 2025 e o início de 2026.

Helen Castro Limcaoco assumiu o cargo de Lugar-Tenente para as **Filipinas** em Fevereiro de 2025, na presença do Grão-Prior da Ordem para o país, cardeal Jose Advincula, arcebispo de Manila.

Iztok Starc é Lugar-Tenente

para a **Eslovénia** desde Maio de 2025.

Werner Johler é o novo Lugar-Tenente para a **Áustria** desde 1 de Junho de 2025.

A 22 de Junho de 2025, du-

Passagem de testemunho entre Lugar-Tenentes em Manilha, nas Filipinas.

rante uma emotiva cerimónia de investidura na catedral de Southwark, em Londres, foi oficializada a mudança de Lugar-Tenente para **Inglaterra e País de Gales**: John McNally sucedeu a Michael Byrne, nomeado membro do Grão-Magistério.





A 28 de Outubro, Mark Chopko foi nomeado à frente da Lugar-tenência **USA Middle Atlantic**, e a 15 de Novembro Daniel Berzosa y Lopez tornou-se Lugar-Tenente para a **Espanha Ocidental**.

Desde 22 de Novembro, Ennio Zerrillo é o novo Lugar-Tenente para a **Itália Meridional Tirrénica**.

Stefano Petrillo assume desde 13 de Dezembro o cargo de Lugar-Tenente para a **Itália Central**, sucedendo a Anna Maria Munzi Iacoboni, nomeada membro do Grão-Magistério.

O ano de 2026 começou, já a 1 de Janeiro, com mudanças na Lugar-tenência da **Sardenha**, com a nomeação de Luciana Dessì, e na Lugar-tenência da **Itália Meridional Adriática**, com a nomeação de Bernardo Capozzolo. Oliver Farkas foi igualmente nomeado no início de 2026 responsável pela Lugar-tenência da **Hungria**.

Marco Meucci, da **Itália Central dos Apeninos**, torna-se o mais jovem Lugar-Tenente da Ordem a partir de Abril de 2026.

Ainda no início do ano, Mauro de Souza Paraíso foi nomeado Lugar-Tenente da Lugar-tenência do **Brasil São Paulo**, e o seu antecessor, Manuel Tavares de Almeida Filho, tornou-se membro do Grão-Magistério. Para a **Irlanda**, Gearóid Williams assumiu a função de Lugar-Tenente, e para a Lugar-tenência **USA Northeastern**, a responsabilidade foi atribuída a Marianne Rea Luthin.

A 29 de Janeiro de 2026, na catedral de Palermo, realizou-se a cerimónia de passagem de

funções na Lugar-tenência **Itália-Sicília**: D. Corrado Lorefice, arcebispo metropolitano de Palermo, é o novo Grão-Prior, e Maurizio Chiarenza o novo Lugar-Tenente.

O novo Lugar-Tenente para a **Austrália Nova Gales do Sul** é Alan Shearer, desde 18 de Fevereiro de 2026.

A 7 de Fevereiro, durante as investiduras em Florença, o Governador-Geral anunciou a próxima mudança na Lugar-tenência da **Itália Central Apenínica**: Marco Meucci será Lugar-Tenente a partir de 9 de Abril de 2026.

Felicitamos os novos Lugar-Tenentes e agradecemos aos seus antecessores, agora Lugar-Tenentes de Honra.

Em 2025, mais de mil novos Cavaleiros e Damas juntaram-se à Ordem (1 075), distribuídos por cerca de 60 Lugar-tenências nos cinco continentes, mantendo o número total de membros em cerca de 30 000 em todo o mundo.

Ao serviço da Terra Santa desde a Ásia: a Lugar-tenência da Ordem para as Filipinas

Helen Castro Limcaoco foi nomeada Lugar-Tenente para as Filipinas, este grande país católico da Ásia onde a Ordem do Santo Sepulcro continua a desenvolver-se com sucesso.



“**S**irvo a Ordem do Santo Sepulcro para honrar o legado dos meus pais: a minha mãe, Consuelo Banzuela Castro, que está aqui comigo hoje; o meu pai, David Malabanan Castro, falecido há 15 anos, que me ensinou a rezar e a ter uma fé profunda, mostrou-me o que são resiliência e coragem, encorajou-me a defender as minhas

Lugar-Tenente para as Filipinas, Helen Castro Limcaoco tomou posse em 2025.

convicções e deu-me a confiança necessária para compreender que devia usar os talentos que Deus me deu para cuidar dos outros”, declarou Helen Castro Limcaoco, nova Lugar-

Tenente da Ordem para as Filipinas, no seu discurso de tomada de posse a 22 de Fevereiro de 2025, perante o Grão-Prior para a Lugar-tenência, Sua Eminência o cardeal José Advincula, arcebispo de Manila, bem como os seus antecessores neste cargo: José L. Cuisia e Jesus P. Tambunting.

Empresária de sucesso, fun-

dadora e cofundadora de duas empresas no sector do desporto, Helen Castro Limcaoco foi investida em 2015 e rapidamente solicitada para ajudar a Lugar-tenência através do Comité de Projectos Especiais, cujo objectivo era abrir uma capelania católica em Amã, na Jordânia. Em Julho de 2017, o objectivo foi alcançado e a capelania foi inaugurada pelo cardeal Tagle para servir 22 000 migrantes filipinos em Amã e arredores. Foi posteriormente convidada a integrar o Conselho Executivo em 2020 e a liderar o Comité de Admissões, que supervisionou o recrutamento de novos membros e reviu o programa de formação da Lugar-tenência.

“Não sei exatamente porque é que fui escolhida,” confessa a Lugar-Tenente para as Filipinas, “mas, sendo agora Lugar-Tenente, estou determinada a retomar o trabalho onde o Embaixador Cuisia o deixou. Va-

mos tentar aumentar o número de membros, continuar a diversificar, abrangendo mais dioceses, e criar laços sólidos entre todos os membros, para que participem mais nas nossas actividades que visam promover a sua formação espiritual. Esperamos avançar para as práticas mencionadas no Regulamento Geral, que ainda seguimos de forma ligeiramente diferente, tentando manter a nossa própria cultura e tradições locais».

A Lugar-tenência das Filipinas conta com mais de 100 membros, incluindo os cinco que se juntaram à família da Ordem durante a Investidura na qual Helen Castro Limcaoco foi nomeada Lugar-Tenente. Entre eles, Dama Marose Soberano explica que foi o profundo fascínio e o grande amor pela Terra Santa, embora distante, que a levou a integrar a Ordem. «Em Novembro de 2019, fui convidada a partici-

par num grupo de Damas para um seminário organizado pelo Opus Dei no Saxum Conference Center, em Israel. Os vários seminários e visitas aos lugares santos de Jesus permitiram-nos apreciar profundamente a Terra Santa. Assim”, continuou ela, “quando recebi o convite para me juntar à Ordem em Novembro de 2022, exatamente três anos após a minha visita, aceitei-o de imediato com grande entusiasmo”.

A Dama Soberano conclui: «Viver uma vida plena de sentido e oração, conduzir as nossas próprias actividades de apostolado para partilhar o nosso conhecimento e amor por Deus com os outros, e agora ter o privilégio de participar de forma significativa nas actividades da Ordem de Cavalaria para ajudar a proteger e apoiar a Terra Santa, é assim que queremos viver a nossa vida”.

Elena Dini

África do Sul: de Delegação Magistral a Lugar-tenência

A 3 de Julho de 2025, na sequência do pedido do Grão-Prior da África do Sul, cardeal Stephen Brislin, arcebispo metropolitano de Joanesburgo, o Cardeal Grão-Mestre decretou a elevação da Delegação Magistral da África do Sul ao estatuto de Lugar-tenência.

A Delegação Magistral, nova Lugar-tenência, conta com 60 membros, número que de-

verá aumentar em 20 com a criação de uma Secção em Joanesburgo, além da que já existe na Cidade do Cabo. Simultaneamente, o Cardeal Grão-Mestre assinou também o decreto pelo qual o Delegado Magistral em funções desde 2019, Juan Luis Cabral, assumiu o título de Lugar-Tenente. Esta Lugar-Tenência dinâmica realizou a cerimónia de Investidura nos dias 23 e 24 de Maio

de 2025 na Cidade do Cabo, ocasião em que 10 novos Cavaleiros e Damas se juntaram à Ordem, entre os quais Nancy Moses e Ricardo Moses.

Nancy recorda a Vigília de 23 de Maio na catedral Notre-Dame-de-la-Fuite-en-Égypte (Nossa Senhora da Fuga do Egipto): «Enquanto estava diante do altar, levantando o vaso com óleos perfumados, fui invadida por uma onda de



emoções. Senti um imenso privilégio em participar numa cerimónia tão sagrada, um prenúncio da honra que me aguardava. Foi um momento em que a dimensão espiritual se manifestou de forma tangível, e percebi as gerações de devoção e fé que sustentaram esta Ordem. O próprio ar parecia impregnado de graça, e senti-me tomada de gratidão pelo caminho que me trouxe até aqui».

Ricardo acrescenta: «A cerimónia de Investidura foi um momento de profunda emoção que ficará para sempre gravado na minha memória. De pé, rodeado pelos meus confrades

Cavaleiros e Damas, enquanto proferia os meus votos solenes, senti um enorme sentido de pertença e utilidade. Não foi uma simples cerimónia, mas um abraço espiritual, uma afirmação tangível de uma vocação que carrego há muito no coração».

Para todos os Cavaleiros e Damas, é importante lembrar como nasceu este chamamento a integrar a Ordem. Penelope Irvine identifica sem dificuldade o momento preciso em que esta vocação se impôs: «Em 2018, participei numa peregrinação à Terra Santa com o padre Robert Bissell [Ceremoniário da Lugar-Tenência], que

mudou a minha vida. Foi uma experiência profundamente espiritual e exaltante, e senti uma verdadeira ligação com a população local e com estes lugares sagrados. No meu regresso, senti-me chamada a integrar a Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro para ajudar a servir e cuidar da Terra Santa e dos seus habitantes».

Endereçamos os nossos melhores votos à nova Lugar-Tenência que, certamente continuará a ser um sinal de esperança na Igreja local e de proximidade com a Terra Santa, ao mesmo tempo tão distante e tão próxima.

A Eslováquia torna-se oficialmente uma Delegação Magistral da Ordem

O cardeal Fernando Filoni, Grão-Mestre da Ordem do Santo Sepulcro — acompanhado pelo Vice-Governador Geral para a Europa, Jean-Pierre de Glutz, pelo Chanceler Alfredo Bastianelli, pelo Ceremoniário Mgr Adriano Paccanelli e pelo director de Comunicação François Vayne — presidiu, a 4 de Abril de 2025, à Vigília de oração na catedral de Trnava, acolhendo doze Cavaleiros e Damas da nova Delegação Magis-

tral para a Eslováquia, entre os quais o arcebispo do distrito, Mgr Ján Orosch, que se tornou oficialmente nessa noite o seu Grão-Prior.

“Caros amigos, o Cristo ressuscitado interpela Maria Madalena, que, desorientada, o procurava onde repousara o

seu corpo, e ela reconhece a voz viva de Jesus; hoje, Ele interpela-vos a vós também e escolhe-vos para uma missão de graça, para espalhar o perfume da caridade de Cristo. Esta é a nobre tarefa que a Igreja vos confia, acolhendo com profunda gratidão a vossa disponibilidade», declarou o Grão-Mestre durante esta intensa Vigília de oração em Trnava.

Sendo Trnava apelidada de «pequena Roma» devido ao grande número de igrejas que

Foto de grupo com o Grão-Mestre na Eslováquia, primavera de 2025, durante a criação de uma Delegação Magistral da Ordem naquele país católico da Europa Central.



ali existem, a cidade — situada no sudoeste da Eslováquia — é rica em história, tendo sido durante vários séculos um importante centro de refúgio cultural e espiritual para católicos da Hungria que fugiam à invasão turca.

No dia seguinte, sábado, 5 de Abril, os novos Cavaleiros e Damas eslovacos, entre os quais o novo Delegado Magistral para a Eslováquia, Miroslav Gieci, foram investidos pelo Grão-Mestre da Ordem, por ocasião da fundação da Delegação Magistral da Eslováquia, preparada de longa data com o apoio fraterno da Lugar-Tenência da República Checa. Tal como a Vigília, a cerimónia de investidura decorreu na catedral de Trnava, com a presen-

ça do Vice-Governador Geral para a Europa, Jean-Pierre de Glutz, do Chanceler Alfredo Bastianelli, do Lugar-Tenente da República Checa, Tomáš Parma, e de vários Lugar-Tenentes europeus (Polónia, Hungria, Croácia...).

Durante a homilia, o Grão-Mestre afirmou: «Tornar-se Cavaleiro ou Dama é entregar a vida professando a fé em Cristo através do testemunho, generosidade e amor ao Evangelho; é colocar Cristo no centro da nossa existência e de todo o projecto pessoal, familiar e social. Ser Cavaleiro ou Dama do Santo Sepulcro seria inútil se não colocássemos no centro este “Senhor”, para o qual vestimos uma capa cujo distintivo é vermelho (a cor do

sangue e da nobreza espiritual)».

O arcebispo de Praga, Mgr Jan Graubner, Grão-Prior da Lugar-Tenência da República Checa, concelebrou a missa, assim como o Núncio Apostólico, Mgr Nicola Girasoli, junto do Cardeal Filoni e do novo Grão-Prior para a Eslováquia, Mgr Ján Orosch.

Durante a refeição que se seguiu, o Grão-Mestre agradeceu aos seus anfitriões, especialmente ao Grão-Prior, elogiando o entusiasmo em acompanhar e apoiar a Ordem na Europa Central e louvar o exemplo corajoso dos católicos eslovacos, que deram numerosos mártires e confessores da fé à Igreja ao longo da história.

O Santo Sepulcro, lugar de força e fonte de energia

Pai e filho membros da Ordem

Perguntam-nos frequentemente como, sendo pai e filho, conseguimos exercer juntos actividades caritativas e espirituais na Ordem. O meu filho Andreas, antigo guarda suíço, integrou a Ordem antes de mim. Isto é pouco habitual e pode surpreender. No entanto, fomos ambos convidados independentemente, por diferentes membros da Ordem, algo que valorizamos bastante.

A proposta de adesão à Ordem e a Investidura represen-





tam uma nova etapa no desenvolvimento e prática da nossa fé. O meu vínculo com a Igreja Católica desenvolveu-se também graças à minha esposa e à sua família, originária da aldeia montanhosa destruída de Blatten, no Valais. Os habitantes do Lötschental retiram grande força da sua fé, e essa relação marcou-me ao longo dos anos. O meu interesse pela Igreja Católica, a sua história, as tarefas que realiza e o lugar que ocupa hoje na sociedade levou-me a envolver-me e comprometer-me. O papel central de Jesus e do Santo Sepul-

A Lugar-Tenência para a Suíça e Liechtenstein continua muito activa, e a sua atenção às diferentes culturas linguísticas é um modelo de abertura para todas as Lugar-Tenências do mundo.

cro tornou-se cada vez mais claro nos últimos anos e dá-me força.

Os nossos filhos cresceram com a Igreja Católica, e Andreas estava já desde criança preparado para contribuir e servir o Santo Padre como guarda-suíço. Queremos ajudar directamente os cristãos da Terra Santa, para quem o San-

to Sepulcro é um lugar de força e fonte de energia para todos os crentes, especialmente os necessitados. O meu filho e eu estamos muito felizes por a Ordem nos ter dado esta oportunidade e por podermos oferecer o nosso apoio financeiro.

Enquanto família e povo da Terra Santa, sabemos o que significa solidariedade e o que ela pode realizar. A solidariedade entre pessoas de boa vontade é inestimável e necessária.

Peter Burkhard

Commanderie de Saint-Gall, Suíça



Grão-Mestre da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém
Cardeal Fernando Filoni

Governador-Geral da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém
Leonardo Visconti di Modrone

Director
Alfredo Bastianelli

Co-director e Chefe de redação
François Vayne

Redactoras
Elena Dini, Livia Passalacqua

Coordenadora das edições
Andreina Merheb

Com a colaboração dos autores citados em cada artigo, do Patriarcado Latino de Jerusalém, dos Lugar-Tenentes ou dos seus delegados das Lugartenências correspondentes.

Tradutores
**Beatrice Frabollini Aliberti, Christine Keinath, Muriel Lanchard,
María Palomares Zafra, Andrew Rutt**

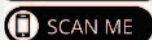
Tradução portuguesa
Carmo van Uden

Paginação e design
Fortunato Romani

Documentação fotográfica
Arquivo fotográfico do Dicastério para a Comunicação – Vatican Media, Arquivos do Grão-Magistério, Arquivos do Patriarcado Latino de Jerusalém, Arquivos das Lugar-tenências correspondentes e outras colaborações indicadas nas legendas

Na capa Leão XIV saudando os Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro na Sala Paulo VI, durante a audiência concedida por ocasião da peregrinação jubilar (em medalhão: o Grão-Mestre oferecendo um ícone de Nossa Senhora da Palestina, padroeira da Ordem, ao Santo Padre).

Publicado por Grão-Magistério da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém
00120 Cidade do Vaticano
E-mail: comunicazione@oessh.va
Direitos de autor © OESSH



@granmagisterio.oessh

www.oessh.va



@GM_oessh

Uma oração diária para os Cavaleiros e Damas da Ordem

Louvamos-Te, Pai, Senhor do céu e da terra, por nos tornares, pela tua graça e bondade, Membros da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, que, no seio da Igreja, conserva a memória viva do sofrimento, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, teu Filho.

Obrigado por nos permitires estar assim unidos ao mistério redentor de Deus e participar na vida da Igreja na Terra Santa. Obrigado pelo conhecimento que temos, através de Jesus, de Ti, Criador e sobretudo Pai misericordioso.

Obrigado por teres permitido que Jesus Redentor assumisse também o nosso jugo, a nossa fadiga, os nossos medos, a nossa cruz e os nossos pecados.

Obrigado pela consolação do Espírito Santo e pela oportunidade de contribuir para o serviço da Caridade na Terra Santa com todos estes irmãos e irmãs com os quais, espiritualmente e associativamente, estamos unidos num mesmo ideal.

Obrigado por Maria, que nos foi dada como Mãe benevolente sob o título de Rainha da Palestina; por sua intercessão, dá paz e reconciliação à Terra de Jesus.

Por Cristo, nosso Senhor.

AMÉM

Fernando Cardeal Filoni
Grão-Mestre

Esta oração, lida pelo Grão-Mestre no início de cada reunião do Grão-Magistério, duas vezes por ano, é tão bela que desejamos publicá-la na Cruz de Jerusalém, para dar a conhecê-la a todos os membros da Ordem, como complemento à oração oficial dos Cavaleiros e Damas, já amplamente difundida.